

FEIRA DOS
NOVOS AUTORES BAIANOS



FEIRA DOS
NOVOS AUTORES BAIANOS

MAIO | 2021 | SALVADOR | BAHIA



Idealização e Curadoria

Fernando Marinho

Designer Gráfico e Editoração

Rose Vermelho

Revisão

Fernando Marinho, Fernando Munaretto e Nina Mandim

Intérprete

Evelin Buchegger

Fundos Musicais Para os Poemas e Finalização dos Áudios

Luciano Salvador Bahia

Assessoria de Imprensa

Laboratório da Notícia

Direção de Produção

Sibele Américo

Produção Executiva

Fernando Munaretto, Nina Mandim e Shirlei Silva.

Realização

Mil Produções Artísticas

A *Feira dos Novos Autores Baianos* é uma realização da Mil Produções Artísticas, de Salvador, tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

ÍNDICE

PREFÁCIOS

POESIA EM DIÁLOGO COM A VIDA | *Aleilton Fonseca*5

DOS SERTÕES AO MAR,
BOA PROSA E POESIA | *Antônio Torres*.....7

DE BRASIS EM BRASIS MEU

BRASIL SE REINVENTA | *Adriana Pesca*.....9

MEMÓRIAS DO AMPARO | *Adriano Pereira*.....13

AS BORBOLETAS CÁLIDAS | *Adrielle Silva*17

PASSAGEIRAS | *Aidil Araujo Lima*.....21

TEMOS A FELICIDADE | *Aldair Pereira*.....25

UMBIGO SILÊNCIO | *Ananias Serrranegra*.....29

AS IDADES DA PEDRA | *André Simião*.....35

AS GAMASHIS SAGRADAS | *Antônio Carlos de Jesus*.....41

AO DIA ANTES DA CRIAÇÃO | *Artur Áriston*47

MARCADOS | *(Trechos) Caio Rossan*.....51

INSEPARÁVEL | *Carlos Lemos*55

VAGALUMES <i>Denis Braga</i>	59
SEM TÍTULO <i>Fabio Carvalho</i>	63
ESTERTORES DA GUERRA <i>Inamar Santos Coelho</i>	67
UMA CARTA PARA ESTRELA <i>Jack Alexandre</i>	73
RAIZ DE PÉ DE IMBU <i>Jéssica Araújo</i>	77
QUEM SAI AOS SEUS NÃO REGENERA <i>João Pablo Trabuco</i>	81
OBSCENA PAISAGEM <i>Karla Lima</i>	87
EXPERIMENTO-CABOCLA <i>Luan Almeida</i>	91
RECONSTRUINDO EVA <i>Lúcio Galvão</i>	97
A DOR DO HOMEM <i>Matheus Lago</i>	101
O CANÁRIO DO VÉIO NEZINHO <i>Nando Lemos</i>	105
ESCARIFICAÇÃO <i>Nívia Maria Vasconcellos</i>	113
SORRISO DE SOL <i>Pedro Saulo</i>	117
O ABRAÇO OCO <i>Raiara Azevedo</i>	121
ESPIRITUALIDADE POPULAR <i>Rick Silva</i>	125
POETIZAÇÃO DOS SÍMBOLOS <i>Rodrigo Santana Costa</i>	129
ÓPTICA <i>Tales Pereira</i>	133
VOCÊ SABE O QUE EU NÃO SEI? <i>Valéria Rocha</i>	137
INVISÍVEL <i>Wendel de Jesus</i>	145
CÉU <i>Yuri Teixeira</i>	149

POESIA EM DIÁLOGO COM A VIDA

*Aleilton Fonseca**

A poesia é uma forma de diálogo com a vida, com o mundo, com a condição humana, através de um discurso mediado pela linguagem e pelos afetos. Nesta coletânea encontramos o sopro da poesia em autores e autoras que usam a palavra com criatividade para representar sensações, pensamentos, impressões e opiniões sobre esse misterioso ofício de viver imerso no mundo cotidiano.

Aqui, cada poeta projeta as imagens que capta das vivências, dos sentimentos, das paisagens, das memórias. São recortes das experiências que se transformam em saberes, sensações e conhecimentos, através de versos inspirados. Esses poemas são ofertas que podem e devem ser compartilhadas com os leitores que, se forem sensíveis e abertos ao diálogo, poderão se identificar, projetando-se nos poemas como sujeitos capazes de construir os sentidos de sua própria experiência de viver e exprimir seus sentimentos.

A poesia busca o princípio das coisas. No poema de abertura, a poeta Adriana Pesca, Hitxá Pataxó, fala de um Brasil que se reinventa, à mercê de uma história de lutas, exploração, morte e resistência dos povos originários. Sua voz ecoa na história que se reescreve nos seus versos: *“O Brasil de agora é voz das aldeias / O Brasil de agora é voz dos Quilombos / É a vez das culturas de vozes e veias / De um Brasil que renasce de todo escumbro.”* Assim a poesia ressignifica a história, e projeta uma outra imagem de um mundo que poderia/deveria ser de todos.

Os poemas aqui enfeixados têm o frescor das vozes jovens e esperançosas diante da vida. Os sentimentos fluem em cada verso, e há fé no futuro, apesar das intempéries do passado e do presente. Nivia Maria Vasconcelos traz o brilho de seu talento, com intensidade agônica, ao cravar os versos curtos e incisivos, num poema que busca *“atravessar poros / rasgar a película / esfolando gota / a gota de sangue”*. E conclui com uma imagem lírica visceral, que define esse canto: *“um corpo inscrito / em um poema morto”*.

Poesia é prazer, céu e infinito. O último autor da coletânea, Yuri Teixeira, traz um fecho de ouro, num poema simples e lapidar. O prazer é uma conquista da pele, da consciência do corpo. E assim o poema diz: *“Não imaginava que chegar ao céu dependesse exclusivamente de mim.”*. Sim, o prazer do corpo, da vida, da poesia – tudo isso depende exclusivamente da consciência, da vontade, da imaginação. E esse prazer traz *“uma gostosa sensação de liberdade. Viva a poesia.*

Aleilton Fonseca* é escritor, professor de Literatura (UEFS), membro da Academia de Letras da Bahia.

DOS SERTÕES AO MAR, BOA PROSA E POESIA

*Antônio Torres**

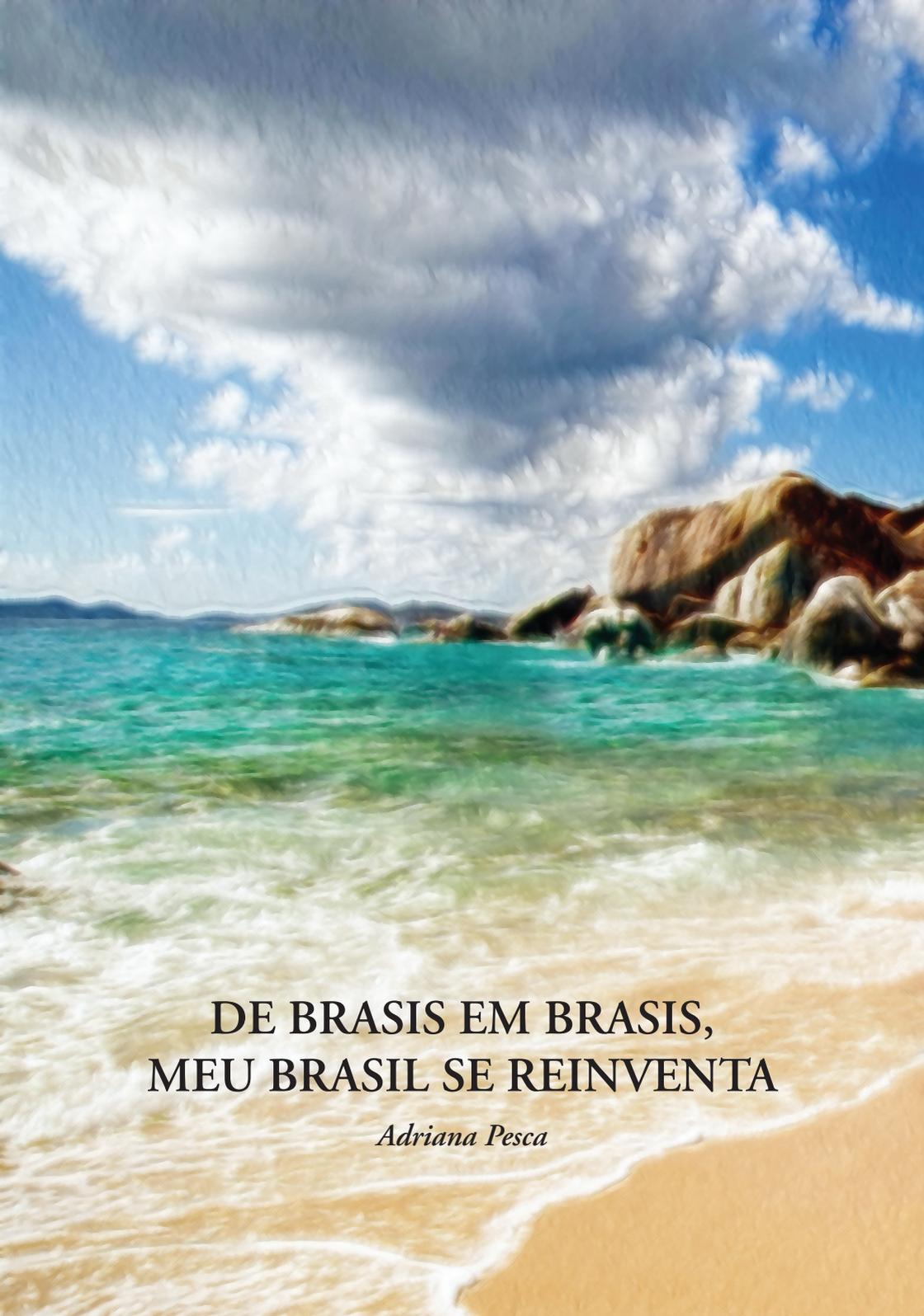
Para quem, como o autor destas linhas, nasceu num sertão agrário e ágrafo, a leitura das minibiografias dos participantes deste Festival Novos Autores Baianos revela uma Bahia impensável à época em que nela vivi. O conjunto da produção aqui apresentada serve de amostra do quanto, de lá para cá, o nosso estado avançou no seu processo civilizatório, ao levar o ensino de nível superior a todos os seus polos regionais. Em grande parte, os poetas e ficcionistas que integram esta coletânea passaram ou estão passando por uma de nossas universidades públicas.

São 31 os municípios aqui representados, de Lauro de Freitas, com Yuri Teixeira, autor do instigante poema *Céu*, à Ilha de Paulo Afonso, com Luan Almeida (*Experimento-cabocla*); de Juazeiro, com Denis Braga (*Vagalumes*), e Nando Lemos (*O canário do véio Nezinho*), a Teixeira de Freitas, onde vive Caio Rossan (*Marcados*), que é de Jucuruçu; da Alagoinhas de Wendel de Jesus (*Invisível*), à Costa do Descobrimento, onde foi escrito o primeiro texto sobre um país que ainda nem se chamava Brasil, a memorável carta-crônica de Pero Vaz de Caminha a El-Rey Dom Manuel I, o Venturoso. É de lá que vem o conto *As idades da pedra*, de André Simião (Porto Seguro) e o poema *De Brasil em Brasis, meu Brasil se reinventa*, de Adriana Pesca, nome literário de Hitxá Pataxó (Santa Cruz Cabrália), professora em escolas indígenas e mestranda em História na UFSBA.

Nesse mapeamento literário, a representação feminina nos leva a Lençóis, na Chapada Diamantina, onde nasceu Valéria Rocha, autora do poema *Você sabe o que eu não sei?* E dali para Itaberaba, onde ela vive. De Serra Dourada é Jéssica Araújo, que nos fará conhecer a *Raiz de um pé de umbu*. Aldair Pereira, de São Desidério, garante: *Temos a felicidade*. De Cachoeira, Aidil Araújo Lima contará a história de umas *Passageiras*. Com *As borboletas cálidas* voaremos para a Macaúbas de Adriele Silva. Em *Madre de Deus*, Raiara Azevedo nos dirá o que é um *Abraço oco*. Tudo *Escarificação*, para a feirense Nívea Vasconcelos. Ou *Obscena paisagem*, dirá Karla Lima, de Vitória da Conquista.

S'imbora! Para a *Inseparável* Barreiras, de Carlos Lemos; a *Espiritualidade popular* da Guanambi de Rick Silva; ao *Umbigo silêncio* da Ibotirama de Ananias Serra Negra. E daí às *Memórias do Amparo* (Adriano Pereira), *Ao dia antes da criação*, de Artur Ariston (Conceição de Coité), às *Gamashes sagradas*, de Antônio Carlos de Jesus (Mutuípe), ao poema *Sem Título*, de Fábio Carvalho (Jacobina), aos *Estertores da guerra*, de Inamar Santos Coelho (Euclides da Cunha). Em *Ibicuí*, Lúcio Galvão *reconstrói Eva*. Já o morrense Jack Alexandre escreve *Uma carta para Estrela*. Em São Sebastião do Passé Matheus Lago Pereira reflete sobre *A dor do homem*. Na Jequié de Waly Salomão, Pedro Saulo passeia à luz do *sorriso do Sol*. "Quem sai aos seus não regenera", sentencia João Pablo Trabuco, que é de Irecê. Isto para dizer que o que temos aqui é um mar de histórias e sertões de poesia.

Antônio Torres*, é escritor e ocupa a cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras; membro da Academia de Letras da Bahia, da Academia Petropolitana de Letras, e sócio-correspondente lusófono da Academia de Ciências de Lisboa.



**DE BRASIS EM BRASIS,
MEU BRASIL SE REINVENTA**

Adriana Pesca



Adriana Pesca - Hitxá Pataxó, nascida em 01 de Dezembro de 1985. Indígena da etnia Pataxó, residente na Aldeia Coroa Vermelha, no município de Santa Cruz Cabrália, Bahia, lugar onde historicamente nasceu o Brasil. Professora atuante nas escolas indígenas das redes municipal e estadual, nas áreas de Linguagem e Ciências Humanas. Licenciada em História (Faculdade Santo Agostinho – FCSA) e Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena – Linguagens e Artes (Universidade do Estado da Bahia – UNEB). Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana (FACSA), e estudante de mestrado do curso de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais – PPGER (Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSBA). Pesquisa escrita e autoria indígena (Escritas-resistência), e participa do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Poder e Contemporaneidade – GELPOC.

DE BRASIS EM BRASIS, MEU BRASIL SE REINVENTA

Na areia branca da praia, navios ancoram
Sem convite, sem desejo, sem pedido de licença
Invadem, dizem, estupram, dão a sentença
E a história, da história, a repetem, a decoram

De quantos Brasis uma história é feita?
De quantas histórias é feito o Brasil?
Quem escreve, relata o que avistou, se deleita
Da posse da pena, da palavra e do ardil

521 anos após, de Brasis em Brasis, um novo Brasil
De outras vozes ecoando, falando, desconstruindo
Tomando posse do seu, reeditando de modo sutil
A história que o outro enredou e ao mundo foi fruindo

O Brasil de agora é voz das aldeias
O Brasil de agora é voz dos Quilombos
É a vez das culturas de vozes e veias
De um Brasil que renasce de todo escombro

A história de quem dominou não mais se sustenta
E o Brasil dos silenciados ganha vez e voz
De Brasis, em Brasis, o Brasil de reinventa
E renasce uma história que é de todos nós.



A large crowd of people, many wearing white shirts, gathered for a public event or ceremony. The image is slightly blurred, suggesting movement and a large gathering. The text is overlaid on the upper portion of the image.

MEMÓRIAS DO AMPARO

Adriano Pereira



Adriano Pereira, artista do verso, da palavra escrita, das imagens e sons. Escritor, poeta, ator, comunicador, produtor cultural, e arte-educador. Realiza há 12 anos a "Ocupação Cultural" (www.ocupacaocultural.blogspot.com), espécie de sarau lítero-musical e performático, que já ocorreu em diversos espaços. Tem poemas, contos, crônicas e fotografias nas coletâneas: *Novos Valencianos* (2010); *Quatro Ases e Um Coringa* (2014); *Às margens férteis do Rio Una* (2017). É autor dos livretos de poesia: *Terço Mariano* (2012); *Dez Graças Poéticas* (2013); *Doszes P(r)ensadas* (2013); *Cachoeira: Primeiras Impressões* (2014); *Memórias do Amparo* (2017); *Nova Poética* (2018). Mantém o blog *Caixa de Pandora* (www.adriano-pereira.blogspot.com), além de publicar regularmente no jornal *Valença Agora*, e nas redes sociais.

MEMÓRIAS DO AMPARO

Eu me lembro de tudo
A festa iniciava em outubro
O cortejo branco
O povo santo
Cheiro de alfazema
Principiava a novena
Doce o algodão
Desfazia-se na mão
Confete, maçã do amor
Pipoca do vovô
Mão de figa brilhante
Perdia-se na roda gigante
O marco era a velha castanheira
Abaixo descia a ladeira
O camelô, a feira
Era a festa da padroeira
Da Vila Valença do Amparo
Senhora mãe dos operários.

No repicar dos sinos
Na ladainha, no terço, nos hinos
No pipocar do foguete
Na cana de rolete
No descalçado pé
A manifestação da fé.

Ajoelho-me no altar
A vela acesa, fecho o olhar
Rezo pro tempo não apagar
Rogo a graça de voltar
Pros doces dias de novembro
De quando mais me lembro
Daquela linda festança
Do tempo em que era criança.



AS BORBOLETAS CÁLIDAS

Adriele Silva





Adriele Silva, nascida em 02/01/2000 na cidade de Macaúbas-BA. Conhecceu a poesia na infância, através dos textos de Vinicius de Moraes. Em 2017, alcançou o primeiro lugar no TAL (Tempos de Arte Literária). Em 2018, publicou um pequeno livro de poesias cujo título foi: Rabiscos de um ser. Sua perspectiva de escrita é atemporal, universal e reveladora. Ela escreve consciente de que é uma aprendiz. De que o mar literário ainda tem muito para ser navegado.

AS BORBOLETAS CÁLIDAS

As borboletas cálidas do jardim, eclodem para mim...

Retribuo com um riso manso, sem gargalhadas. Coberto de satisfação e respeito ao pranto, à dor e ao encanto, no processo de transmutação sem fim.

Estava tristonha e cega na madrugada, inerte pela escuridão interna, entre os ramos da planície desgastada. Até que surgiu, curvei-me em reverência ao primeiro, glorioso impulso de vida do Sol. Brotou acima da única e larga montanha do horizonte. Agora também agraciada com um arco de todas as cores. Um arco-íris saudoso, mas sádico!

Se replica e inverte as cores, que, desorientadas, se misturam. Unem os arcos e formam círculos alinhados que abrem, se transformam num Vórtice Temporal, com imagens cruas de um futuro que desconheço. Momentos turvos de um passado que eu e a humanidade havíamos enterrado no solo infértil, inabitado do peito, a mil chaves trancafiado.

Dele transborda uma catarse de vivências, dores, perdas, amores. A solidão amarga da culpa que sufoca, cochicha quente ao ouvido, reforçando a própria culpa em desespero. Reforça-me a adentrar.

Mas a realidade está nua, e é cruel!

Eu já estou no centro, banhada por ela...

Atento à luz que ainda brota no horizonte, que não se dissolve. Visto que não existe, não a vejo. E o que vejo é o nada camuflado. Por entre o azul e o dourado holográfico, sequer existo.

Sequer despeço-me das lembranças do dia em que as velas grossas, postas no armário roído, cheio de pratos e porcelanatos cobertos pelo bordado roxo, vibravam. Estremeciam aos punhados, e mais punhados de milho semeados à beira do rio. Perigoso rio que arrastava todas as bonecas trançadas, enfiçadas ao tronco do Bote-milho-rio. Assopradas pelo vento, se moviam. E mesmo assopradas, as velas grossas ascendiam. Insistentes em iluminar os corpos quentes que no lençol gemiam. O penetrante olhar negro a retirar. Pétalas por pétalas, se abriam...

Lembro-me que a pouco era madrugada, e as borboletas sobre a relva eclodiam.

Lembro-me que também estou Casulo. Estou Vórtice em infinitude. Transcendo, morro, me integro. Vivo! Sempre estive integrada ao Caos que recruta minhas experiências e as espalha, e todas elas são válidas. Espalho-me através do Cosmo, em fragmentos e asas de borboletas cálidas.



PASSAGEIRAS

Aidil Araujo Lima





Aidil Araújo Lima, de Cachoeira – BA. Cursou Filosofia e Jornalismo. Publicou o livro *Mulheres Sagradas* (2017); *Páginas Rasgadas* (2020). Publicou em diversas antologias, como *Jubileu de ouro de Mogi das Cruzes* – SP; *Revista Philos*, *Profunda*ções Antologia literária e fotográfica; *Olhos de Azeviche* – Editora Malê; *Escritas em primeira pessoa* – Editora Oralituras – SP.

PASSAGEIRAS

Procurei um reduto onde dissimulasse a dor. Esforço-me para acostumar com essa nova realidade, hesito em aceitar que coisas tidas como certas não estão mais onde estiveram antes. Um vento súbito. Sensação passageira de não sermos aquilo que imaginamos, esse corpo negro que habito esconde outros corpos, outras cores, outros desejos. Estamos no limiar do fim e começo. Apenas uma época estilhaçada. Um som ressoa surdamente para embalar a dor. Dancei tanto até não sentir mais o corpo, a mente misturou-se à música. Fiquei numa zona de conforto. Cansada, dormi. Acordei com a realidade me espreitando. Esfreguei os olhos e afastei-a. Fujo para Santo Antônio além do Carmo, casas de estilo barroco disfarçam a saudade da cidade, que corre em meu sangue barulhando a feira, os sabores que abordavam os olhos, vinha o cheiro, sabor de sapoti, carambola, tangerina, amendoim torrado, camarão seco, bolo de massa na palha da banana, e a mão de minha tia, a mão de minha tia, passeando por instantes, transformados em longas horas em satisfação contemplativa, degustando cada detalhe daquele casario. Expulsava a vontade de abandonar tudo e voltar. A realidade me espionava pela janela, como num dia frio. Acordara cedo; como se ouvisse o sol chegando. Vasculho a mente e vejo as camisolas que ela fez de tecido florido, com detalhes em renda e sianinha, robe combinando; quando fui estudar em outro estado; um enxoval. Chorei tanto na viagem que os passageiros sentiram minha aflição. Um dia voltei. Ela fez sopa de verduras deliciosa. O vestido de bolinha vermelha para a festa da cidade era muito bonito, bolas miúdas e graúdas,

vermelho, costurado com mãos cheias de detalhes. Brincar de faz de conta chega um momento que cansa e a realidade ranheta que avança derrubando os meus devaneios, me exaspera. Não posso retardar. Entro em casa. As coisas continuam como deixei, a sua foto com a família no móvel da sala. Abro o guarda roupa; havia vestígios de suas roupas, bem que poderia ter viajado. Sinto seu cheiro, sua presença doce, fecho os olhos, saboreando o instante, lhe digo da minha saudade, que um dia nos reuniremos, não sei quando. Esse mundo paralelo invisível que sinto a minha volta, ainda não consigo estar cara a cara com eles. Decido um passeio afetivo, vou à feira, pessoas se acotovelam, o cheiro chega forte, cheiro de saudades, rostos conhecidos marcados pelo tempo me cumprimentam com alegria. Meus passos se distraem e me levam às coifas de farinha, uma senhora joga um punhado da mandioca torrada na boca, era o jeito dela saber se era feita de afeto, isso incluía mandioca e torração no ponto. Num relance, aquela senhora se volta. Era ela. Um véu de multidão a esconde; fico sem ter a certeza.



A vibrant field of flowers, primarily red and blue, with a blurred background of green and yellow. The flowers are in various stages of bloom, and the overall scene is bright and cheerful.

TEMOS A FELICIDADE

Aldair Pereira



Aldair Pereira de Oliveira Santos nasceu em 15 de novembro de 1949, na cidade de São Desidério, Bahia. Em 1970, concluiu o Curso Secundário com Habilitação em Magistério, no Colégio Padre Vieira, Barreiras – BA e, de volta a São Desidério, realizou-se profissionalmente como professora concursada pela Secretaria do Estado da Bahia, contribuindo com a formação de várias gerações de estudantes, especialmente no Colégio Estadual Presidente Médici, onde trabalhou por 35 anos, e no qual construiu seu legado de experiência educacional. Sempre foi admiradora da Arte em geral, especialmente da poesia, e muito se orgulha de participar e incentivar as tradições culturais e religiosas de sua terra natal.

TEMOS A FELICIDADE

Nós temos a felicidade
Basta sabermos olhar
As flores que na primavera
Os jardins fazem perfumar.

Nós temos a felicidade
Basta sabermos olhar
O sopro leve do vento
Trazendo a brisa do mar.

Nós temos a felicidade
Basta sabermos olhar
O sol nascer de dia
E, à noite, brilhar o luar.

Nós temos a felicidade
Basta sabermos olhar
Uma criança sorrir
Querendo nos cativar.

Nós temos a felicidade
Basta sabermos olhar
As estrelas no Firmamento
Que cintilam sem parar.

Nós temos a felicidade
Basta sabermos olhar
As dádivas simples da vida
E, nelas, beleza enxergar.





UMBIGO SILÊNPIO

Ananias Serrranegra



Ananias Serranegra, é técnico em teatro, ator e poeta. Coursou por alguns anos o curso de Letras vernáculas (UNEB); diretor artístico da Junina Velho Chico; ator na Cia de Teatro Mistura. Fruto do Festival de Poesia de Ibotirama (FEPI), foi vencedor da etapa em 2017, vice-campeão em outras edições, e primeiro colocado da etapa local nas edições 2017, 2018 e 2020.

UMBIGO SILÊNCIO

É penoso silenciar, é pesado.
Quando em vez o pensamento grita, inflama.
É propenso que teus olhos vejam a mim
Jogando entre as palavras para lhe dizer
Entre, entre as linhas vãs que te quero.

É penoso silenciar. É pesado.
Quando em vez é de mim o limiar da noite.
Lume dos meus versos com teus retratos,
Em busca do teu riso a esgarçar a fenda
Dando-me teu céu anuviado de estrelas,
Tua constelação de Aries, tua dor no siso
Eu conciso: É penoso silenciar. É pesado

Que aquele corpo cru agora é teu.
Que esse homem nu seja agora eu
Meio cheirume de saudade.
Farpado no arame de minhas vontades
Cerca nos veios das veias e vias
Das estrias traçadas no corpo
Que como meus pés caminham
Sem pele, parcamente sobre mim.

É penoso silenciar
A casa
O outro
A lavra.
A voz
Que impunha
A palavra.
É pesada.

A gota na pia, o orvalho de quem só
É. Um desejo de coser tuas roupas
Uma carícia de quem alma carece
Tapete estendido em nossa sandália
Quadro dos a-voz em nossas paredes
A confiar aos outros nossas reservas.

É penoso silenciar. É pesado
Quando endereçam a ti um minuto
E eu cá no silêncio não te acho
É que amei sem apego de ciência
Apenas na sabença do teu cheiro
Teu gesto de poeira contra o sol
Dorso curvado na cadeira de balanço
Ninando teus dias na fumaça do cigarro.

É que você foi criança nos meus braços
Dessas de segredar pequenos desesperos:
O desapoio da bengala a mapear o chão
A trêmula carne impondo o copo à mão
O esquecer de tanto amor a quem adora.

O sangue de minha flora subiu aos céus
E ressuscitou cá em mim ao terceiro dia
Confessa seus segredos a Virgem Maria
E eu de tão só, navego sozinho ao léu.

É penoso silenciar:

A borra ao fundo do teu café na *chuculatera*
O arremesso dos rios por entre teus lábios
Essas poças de saliva, meu açude de memórias.
Tenho cultivado aqui uma plantaçãõ de você
Dessas de regra, lavrada no canteiro da saudade.
É de mim o mar de amar que na secura invade
Eito pra arar sementes no terreiro do amanhecer

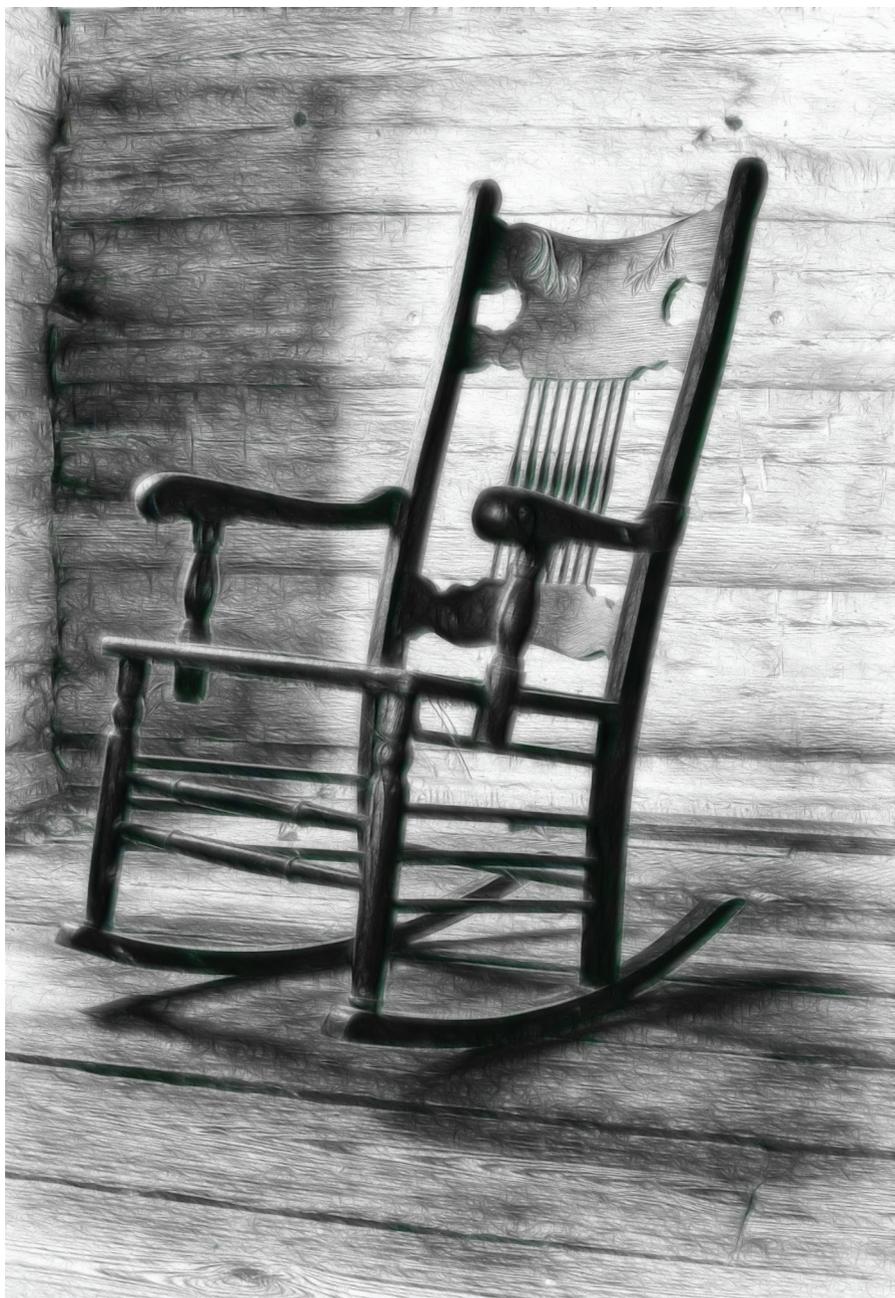
É penoso silenciar. É pesado

Quando me toma a vontade de florir
E de que tudo mais vá para o inferno
Inclusive você.

Causador de todos os meus transtornos,
Toda essa folia que provoca barulho
Bagunça dos medos em minha casa
É penoso silenciar

É pesado.

O vazio dos teus dias
O xaxim com flores à mesa
O alqueire com teus gestos pequenos
Esse teu sorriso entre as minhas mãos
O início e o fim breve de outro papel.
É penoso silenciar. Por isso escrevo.



AS IDADES DA PEDRA

André Simião





André Luiz de Jesus Simião – André Simião, brasileiro, 40 anos, natural de Guaratinga – BA. Residente em Porto Seguro – BA, desde 1990. Formando em História (7º período) UNOPAR. Ator, diretor e professor de teatro DRT (0010182/BA). Escritor – gêneros livres como (poesias, crônicas, peças de teatro e textos livres). Publicação recente do romance 'Dalila talvez uma lenda' Fundador e diretor da CIA de Teatro Lágrima de Palhaço e do movimento de cultura popular Ópera Nordestina os cabras de André Simião.

AS IDADES DA PEDRA

Existe um lugar na Paraíba que atualmente é o santuário Lajedo de Pai Mateus... Conta uma lenda que um dia naquele cenário cariri, Deuses gigantes brincavam de bolinhas de gude em tamanho proporcional, mas o sol da bonança e da criação estava se pondo e eles tiveram que voltar para suas moradas e montes olimpos e deixaram seus brinquedos para trás, dentre eles um capacete, um saco de lã e um pão, (tudo que o ser humano precisa para viver, proteção, comida e um conforto para dormir) esparramados ali mesmo para a mãe natureza e o senhor do tempo resguardá-los e foi a partir deste lugar que após dilúvios e eras mesozóicas se forjou o surgimento de um ciclo vicioso.

No início, após tantos outros... Na idade da pedra...

O homem não era nada, não tinha nada, e não podia quase nada. Era apenas um animal em meio e harmonia com os outros de distintas espécies.

Mas um dia ele encontrou uma pedra, e com esta pedra ele fez uma arma e com a mesma se mostrou melhor que os demais animais.

Com essa pedra ele atacou Golias, com essa pedra ele fez o próprio fogo e queimou o dedo, com essa pedra ele se defendeu, se abrigou e inventou a roda, gigante e da vida. Com esta pedra então esse homem dominou aquela tribo. Para a vibração festiva do seu grupo. Uh! Uh! Uh!

Passou-se algum tempo e o homem achou outra pedra, mas essa pedra, de status preciosa lhe deu riqueza, poder e conhecimento.

Com todo esse conhecimento, riqueza e sem saber que passaria a eternidade empurrando uma pedra morro acima, o homem criou carros, computadores, celulares, naves espaciais e os Rolling Stones! E foi perdendo sua alma pagã. O homem evoluiu e ganhou mais poder, se dividiu em classes, as que mandam e as que sofrem a escravização. Com essa pedra o homem dominou o mundo! E umas classes foram por outras, seguidas, patrocinadas e endeusadas por motivos de consumos exacerbados, de religiões fanatizadas, de vaidade, de pobreza e fome mesmo.

Passou-se mais algum tempo e já com o mármore e o granito se fazendo a pedra fundamental do humano perdido, o homem desta vez criou a sua própria pedra que se dividira em várias como o ouro do mercado consumista, o diamante da política dominante, a jade das tecnologias quânticas, o rubi da globalização dos escolhidos. E como quem sobe numa babel, numa pirâmide ou mesmo no Burj Al Khalifa e de lá quando se preparava para levantar a sua lança futurista de pix's e bitcoins e bradar a impactante frase 'EU SOU O DONO DO UNIVERSO!' Ouve-se um ensurdecedor 'crack' rompendo o bojo das vaidades, luxúrias e ganancias, e este percebe que está caminhando em círculo, mas essa pedra versão turbo e maquiada de social, não era igual às outras, ao invés de dominá-la, o homem é que foi dominado.

A criatura versus o criador...

Mesmo com todo seu conhecimento, poder, tecnologias e avanços, essa *kryptonita* tornou o super-homem fraco, o escravizou, o dizimou e continuou matando, na primeira vez como cidadão humano, aos olhos da sociedade com seus requintes de orgulho e 'mandachuvismo'. Já no segundo ato, a morte era real e carnal ao som letal das polícias e governos unificados com seus armamentos de seleção artificial, nível Deus.

E para cada trago com sensação e duração de dez segundos, um pente é recarregado.

Pedra! Pedra! Crack booom! O encontro das fumaças...

... E vão continuar matando, a pedra e a educação por ela, no processo de primitiva com o reverso camaleoa das cracolândias, a não ser que você homem inteligente, a não ser que você homem racional que não quer para si a síndrome de Sísifo, nem quer ver a sua odisseia rolando rocha abaixo depois de tamanha evolução, tome uma atitude agora. Fuuuuja dessa peeedra!!!





AS GAMASHIS SAGRADAS

Antônio Carlos de Jesus





Antonio Carlos de Jesus Silva, escritor e poeta, filho de Angélica Maria de Jesus e Antonio Alves da Silva, natural de Mutuípe, Bahia, formado em Letras e Pós-graduado em Estudos Linguísticos e Literários. Professor da Rede Municipal de Educação de Mutuípe, e atual Presidente do Conselho Municipal de Educação de Mutuípe. É um versátil na escrita contemporânea, escreve contos, crônicas e poesias do cotidiano e da vida do Vale do Jiquiriçá, das pessoas e da literatura fantástica, da espiritualidade e do ser em constante transformação consciencial. É colaborador do jornal Fuxico, da UEFS; tem poesias publicadas na Agenda do Escritor, da Litteris Editora. Participou de todas as edições dos Chás Literários realizados pela Casa de Cultura de Mutuípe. Foi auxiliar administrativo e coordenador da Casa de Cultura de Mutuípe e constantemente um agente cultural do Vale do Jiquiriçá. Assina suas poesias como Juhel Carlos.

AS GAMASHIS SAGRADAS

O sol e a brisa do vento seco cobriam o céu da cidade, pareciam gotículas cristalinas que ganhavam o orvalho da manhã. Helena e todas as outras flores querem despertar.

Mamãe grita:

– Salú! Venha ver o nascer do sol.

O meu corpo relaxado e lá de dentro do meu quarto, raios de sol entravam pela fresta da janela, naquele furinho da madeira que fazia o meu sol da manhã. Mamãe queria ir às montanhas contemplar suas colheitas e agradecer.

Melchior meu anjo amigo, falava-me:

– Os raios dos dois sóis contêm uma essência de vida e nutrem a cada instante o planeta. Assim todos recebem seu calor ou a sua luz.

Ainda com o cobertor e o friozinho do lençol que me aquecera por toda a noite, fazia o que com certeza todos se lembram na hora de pular da cama. O galo cantou e eu levantei com um barulhinho de alguém chamando.

– Minha querida! Levante-se!

Fui ao encontro de mamãe e do sol que despertava como um belíssimo girassol mesmo nos dias de chuva, há sempre o sol.

Isso foi fortalecendo a minha esperança em dias melhores. Do alto de casa avistei a chegada de meu pai.

Corremos como as borboletas voam porque ele no seu jeito de amar não compreendia a beleza das coisas. Cantamos a nossa música de sempre:

– Beleza! Beleza! Beleza! Beleza! Bele-za. Be-le-za!

– Melchior... – disse Salú:

– Um dia ele compreenderá e tudo será como um passar de horas.

Naquele súbito da correria para chegarmos em casa eu e mamãe quase não lembrávamos que antes de chegar às montanhas tínhamos acesso ao Rio Jiquiriçá, que era riacho que passava atrás de casa.

Ali paramos um pouco a observar o canto dos pássaros e avistei do outro lado uma árvore forte e frondosa que mais pareceria um pé de maçã com umas luzes, que o raio de sol desfrutava, mas nunca ali estive. Seus frutos eram vermelho-fogo vivo como a minha voz agora que fortalece a vida, nutre de boas energias os vigores de cada pessoa. Uma lâmpada iluminava toda árvore de cores variadas e ouvia a voz soar com o UM... Como a calmaria do mar em tempos de ondas fortes.

Parece que mamãe não avistou o meu desmembramento consciente. Melchior avisou-me que era uma miragem. Talvez uma lembrança de um outro momento.

Como assim meu amigo uma lembrança? Dizem os sábios que as Garmashis apresentam-se uma única vez e significam uma grande missão. Uma Sagrada Missão.

Papai nos avistou e silenciou-me a miragem nas minhas vistas, para avisar que era a hora de irmos para casa. Fomos conversando as *pirelas* que trazia nas suas compras, no seu olhar firme como se soubesse as coisas que a vida traz em suas ponderações. A minha impressão despertava todo o meu ser. Vibrei de emoção.

Ali fui vendo a necessidade de seguir... Mamãe parecia entender que a minha missão era para além deste lugar, era preciso fazer algo por mim. Ela me dava as forças e ensinamentos acho que até inspirados pelas estrelas, quem sabe um anjo protetor.

Chegamos em casa! Finalmente fui brincar com o Baltazar e gurupitei num pé de coco em busca do meu gatinho. Não tinha dito antes que nunca tive um gato esse morava nas estrelas e todas as noites encantava-me com um suave bailar de sua dança e seus lindos olhos azuis como o céu. Deu um miado! Que daqui escutei... Miau! Miau!

Eu e minha liberdade cruzam na esperança que outros iguais a mim possam em algum momento despertar.

Melchior gritou mais forte do que nunca:

– Cuidado! Salú. Nem sempre a natureza pode aguentar as tuas brincadeiras...

Rimos em rimas dos versos cantados por todas as crianças da Vila Mutum. Ali fui vendo que temos que ter a responsabilidade diante das coisas. E lá estava eu pensando em que horas ia almoçar. Poderia ter caído ou não ter conseguido descer das inúmeras vezes que não consegui lembrar de que forma subi naquela árvore.

Já tinha ajudado na casa, na colheita e na separação das sementes para um novo plantio. Um novo dia e o tempo de outro lugar que agora é minha morada. Minhas casas não são mais a minha casa.

Há uma saudade de meu tempo que guardei em meu coração e levo comigo as vivências que vi e ouvi naquele tempo em que a felicidade me encontrava todos os dias como hoje as lembranças falam mais de mim e do trabalho que farei pelo mundo.





AO DIA ANTES DA CRIAÇÃO

Artur Áriston



Artur Áriston, é escritor, poeta, ator e artesão desde 2008. Idealizou o projeto CABURÉ — Livros Artesanais, uma editora independente de baixo custo que lhe proporcionou seis obras publicadas de maneira artesanal. Membro do Núcleo de Artes Literárias e Musicais de Conceição do Coité; co-idealizador do Café Poético, saraus gratuitos em praça pública. Atua como diretor do grupo teatral Quaisquer Fulanos, que realizou diversas apresentações pela região sisaleira, além do FRINGE (Festival Internacional de Teatro de Curitiba). Gerencia ainda a Candeeiro Pirografia, em que produz grafias com fogo em madeiras, projeto este que já lhe oportunizou a realizar trabalhos no México e Espanha. Atualmente é diretor do departamento de cultura do município de Conceição do Coité – BA.

AO DIA ANTES DA CRIAÇÃO

Antes de Deus se explodir pra criar o universo
Conectou uns versos ao seu coração desencapado
Fios cerebrais ligados a barras maciças de C4
Com partículas de poesias que desintegrariam qualquer arquétipo
Ampolas com acético no pulmão molotov
Nutre as veias que pulsam a chama no tórax de um poeta
Uma energia exotérmica
Capaz de explodir na reverberação de um poema
Eliminando assim todo um sistema injusto, corrupto, bruto e fascista
Estala na ponta da caneta a faísca
Que acende a pólvora no atrito do gatilho
Desmetrificando as linhas do espaço
Cordéis teleguiados miram no palco aonde Deus recita
Substâncias de linguagens sub atômicas se agitam
E desencadeiam na oralidade uma reação química no tempo

(BurmMMM)

Vibra no breu a expansão do pensamento
Poeiras cósmicas de um ser celestial
Transformaram moléculas no planeta Terra
Onde pisou aqui um profeta
Que disse que todo o universo se criou
Quando a poesia irradiou e explodiu o coração do poeta





MARCADOS
(Trechos) Caio Rossan



Caio Rossan é o pseudônimo literário de Caio Rodrigues dos Santos. Nasceu em 1988, em Itamaraju – BA por ser a cidade com maternidade mais próxima de Jucuruçu – BA, onde cresceu. Atualmente, reside em Teixeira de Freitas – BA. Declaradamente contra-hegemônico, é um “agridoce” assumido. Orgulha-se de sua brasilidade, seu sotaque e sua paixão pelo folclore. Se divide entre a escrita e a área de Medicina. Marcados, seu romance policial de estreia é um thriller que acompanha a protagonista Calila, que se vê no centro de crimes que envolvem uma escola tradicional. Foi escrito dos onze aos quinze anos num caderno de arame e encontrado num HD externo mais de uma década depois, sendo publicado de maneira independente em setembro de 2020. O E-book encontra-se disponível no site da Amazon. Seus livros de cabeceira são “O Escaravelho do Diabo” e “Quarto de Despejo”. Inspira-se em Lúcia Machado de Almeida, Pedro Bandeira, Raymond Chandler e Agatha Christie.

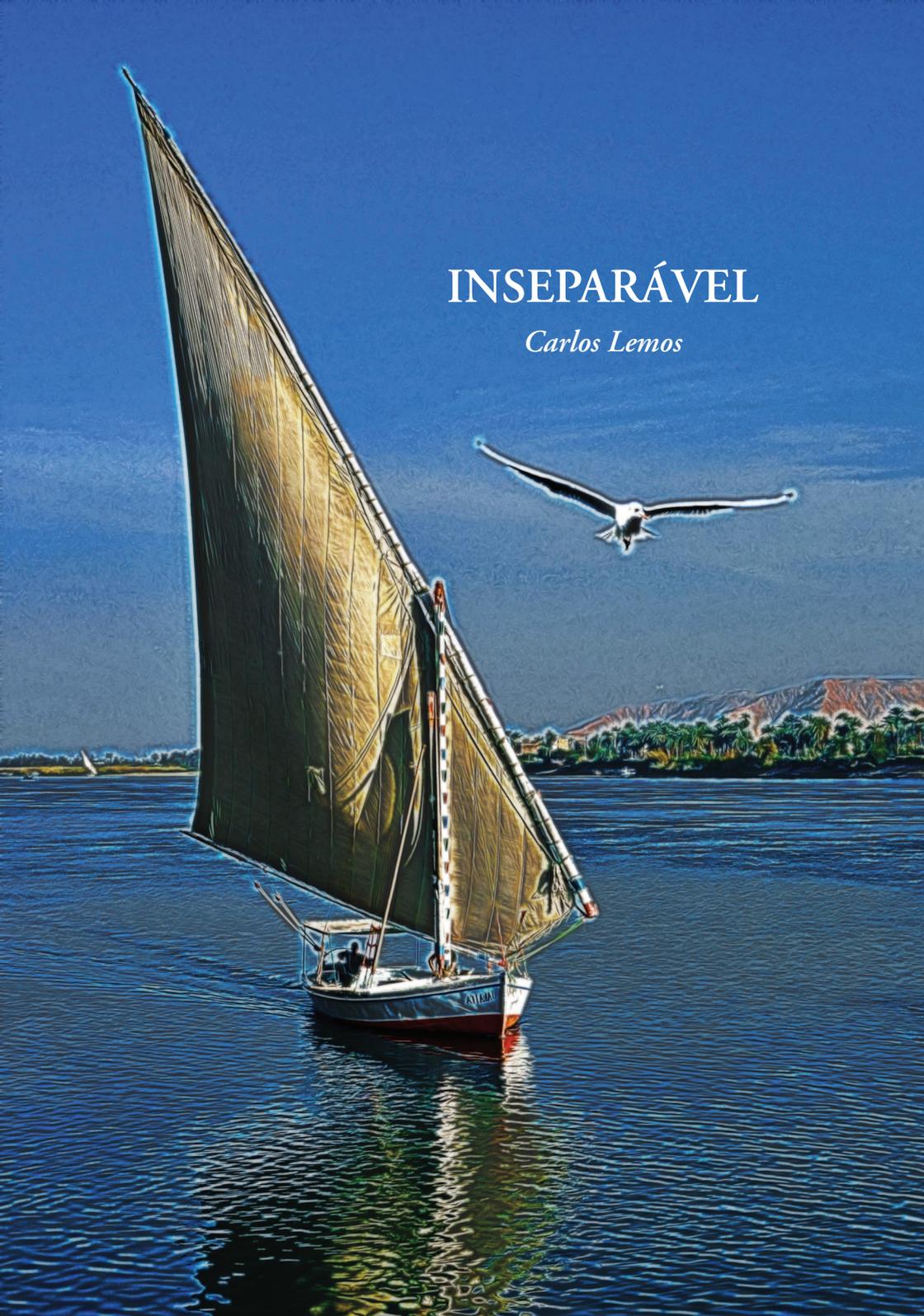
MARCADOS (Trechos)

“Olhei-me no espelho, por alguns segundos eternos. Tirei meu camisão e coloquei-o na mochila. Vesti o uniforme e constatei que ele estava perfeito. Ouvi duas batidas rápidas e fortes na porta. Girei a maçaneta e saí. Rosalba rolou os olhos e me esperou na porta da sala. Entendi que deveria segui-la. Se alguém aparecesse no corredor na direção contrária veria apenas aquela imensa mulher andando a passos largos. Eu sumiria completamente atrás dela. Por um momento pensei no quanto a obesidade seria utilizada contra ela. O peso, a sexualidade, o cabelo, a cor da pele, a falta de um pai. Parece que sempre vão usar o que a sociedade um dia disse ser feio contra nós.” – (página 72).

“Meu cóccix entrou em atrito com a bancada de mármore com tanta força que tive medo de que tivesse sido estilhaçado. Antes que eu reclamasse de algo minha boca foi invadida por uma língua macia e desejosa. A dor foi cauterizada e quando dei por mim, retribuía o encontro dos lábios com leves arranhões nas costas do garoto. Algumas pessoas entravam e saíam do banheiro e ninguém parecia incomodado por uma garota estar ali. A meia-luz azulada piscava continuamente e minhas mãos apertavam os glúteos avantajados e duros do menino, trazendo-o para mais perto de mim. Foi aí que eu vi. Ele me olhava. Por baixo da porta do reservado para deficientes. Ele me olhava. Parei com o beijo, jogando minhas costas para trás, ao encontro da parede, como se fosse puxada por um ímã. Coração a mil, antes pela excitação, depois pelo medo e repulsa. Olhos que não piscavam. Olhos que me encaravam. Naquele instante, me senti julgada e amedrontada. Gritei.” – (página 102).

“No fundo, nós somos isso: a miscelânea do contato, da observação, dos sentidos. Depois de tudo, só me restava parar de procurar motivos e encontrar a intenção. Aproveitar as histórias da minha avó e apertar suas bochechas todos os dias, mesmo irritando-a. Abraçar minha mãe e dizer o quanto a amo, mesmo sabendo que ela não entenderia mais aquilo. Ser mais atenta à minha intuição. E entender que algumas pessoas são doentes, mas outras, outras simplesmente são más.” – (página 290).





INSEPARÁVEL

Carlos Lemos



Carlos Augusto da Silva Lemos, nascido em 06 de março de 1994, na cidade de Barreiras, Bahia, é graduado em Letras pela UNEB-DCH Campus IX. Possui publicação de poemas em duas edições do Concurso nacional novos poetas, ocorridas em 2018, obtendo a 11ª e a 4ª colocação, respectivamente. É autor do livro “Braços Abertos Olhos Atentos”, publicado pela Editora Kazuá. Além de escritor, é também professor efetivo do Estado da Bahia, atuando como docente do ensino médio.

INSEPARÁVEL

Eu procuro...
Como a palavra busca a coisa
Quando a coisa é a palavra
– Eu me nomeio

Eu escuto...
A música que é a trilha da memória
Sonora memória que é a única música
– Eu me componho

Em estado de pássaro...
Como quem sobrevoa a falua
Como quem quer se esconder da lua
– Eu entardeço

Um olhar...
Ao horizonte que anoiteço
Ao horizonte que espera a minha silhueta
– Sou detalhe mínimo da beleza que vejo!



VAGALUMES

Denis Braga





Denisson Braga Azevedo (Denis Braga), nascido na cidade de Juazeiro, Bahia, em 12 de abril de 1987, oriundo da comunidade de Santa Terezinha, no distrito do Salitre, zona rural. Filho de Luzia vieira Braga Azevedo e Domingos Cardoso Azevedo, Denis (como é conhecido) quando criança, trabalhou na terra de sua família, fez curso técnico em agropecuária na escola agrotécnica de Juazeiro, trabalhou como vendedor e como garçom até o ano de 2014 quando sofreu um acidente de moto no qual teve parte da perna direita amputada, em processo de depressão, o mesmo encontra na escrita uma forma de fuga de sua "trágica" realidade, nos seus textos, ele traz o saudosismo de sua terra e sua infância, assim como o amor por aquela localidade, localidade essa que retrata o modo de vida do homem catingueiro e nordestino. *"Sou admirador do cinzento da caatinga e apaixonado pelo verde dela"*

VAGALUMES

Lembro do varal na dispensa, tripa, bucho e carne salgada
No cantinho do arame, o sebo, pra fazer sabão de soda na latada
Em algum lugar da cumieira tinha o esconderijo das tranqueiras
No tripé, cebola entrançada.

Em outra salinha perto dali, está uma senhora cristaleira...Vitrine dos artigos mais caros; pra cada tipo uma fileira que vai desde o copo mais raro, a um espelho deixando tudo mais claro e uma travessa de data festeira.

Se quisesse tomar água fria, era só recorrer ao moringueiro, copo de *alumin alumiano*, água que dava para o dia inteiro, lodo no pé do pote e rapacuaia gritando por chuva com seu canto forte, coisas da casa de um povo guerreiro.

Lembro também de uma casa de paredes internas revestidas com cimento, "oitões" de taipa e o telhado dos fundos, tão baixo que eu quase chegava a tocar o teto. Nesse referido espaço, quando noite, as brechas da porta da cozinha eram preenchidas pela luz de pequenos animaizinhos luminosos, que nas mãos de certas pessoinhas, não passavam de brinquedos... Naquela casinha moravam quatro pessoas, bem verdade, pouco espaço, quadros cheios de história e fé *apregados* nas paredes, mas o amor que ali existia fazia daquele lugar um lar blindado por Deus.

O quintal... Nosso quintal era o nosso universo. Esse em tempos de chuva estimulava a criatividade daquelas duas cabecinhas pensantes, ali um pimentão transformava-se num rosto, uma telha, quebrada em

sete pedaços e qualquer coisa parecida com bola era motivo de correria. A brincadeira cabra cega nada tinha a ver com a cegueira da justiça de hoje, lata de sardinha com a metade da tampa levantada se transformava num *jipão*.

Naquele território fértil rodovias eram construídas desbravando qualquer tristeza plantada no coração dos nossos adultos. O mato verde que ressurgia naquela época, para os nossos pais se tornavam mais coloridos que os lápis de cor que eram comprados em prol do nosso momentâneo “preto e branco”.

Passaram-se os anos, as crianças cresceram, os brinquedos tornaram-se menos divertidos, a brincadeira deixou de ser prioridade, a escola passou a ser mais importante do que lápis colorido, amiguinhos e merenda. Diante de tudo que até aqui foi dito, não consigo esquecer dos pequenos animaizinhos luminosos que fizeram, dentre outras coisas, minha infância iluminada.





SEM
TÍTULO
Fabio Carvalho



Fabio Carvalho, é um multiartista, começou sua atuação no início da década de 90, participando intensamente no cenário artístico de Jacobina e região, com experiência como ator, escultor, fotógrafo, cantor e desenhista. Realizou diversas exposições em mostras individuais e coletivas em Jacobina, no interior e na capital do estado. Se dedicou à docência ao longo de quase duas décadas, sempre na defesa da preservação do patrimônio natural, cultural e na universalidade das ideias, sendo eleito por unanimidade o primeiro presidente do conselho municipal de cultura de Jacobina. Como professor, foi grande impulsionador das artes nas escolas, desenvolvendo diversos projetos transversais em artes cênicas, artesanato, além de promover diálogos com discentes através da poesia.

SEM TÍTULO

vou nem falar
para você
num querer
parecendo
acreditar e
não querer

já te falo
em vistas das
circunstâncias
que bancas
os bancos
dessa inércia

sem lugar
e os vários
lugares que
de perto a
senda acende
ao reverso





ESTERTORES DA GUERRA

Inamar Santos Coelho



Inamar Santos Coelho (1974) nasceu e vive em Euclides da Cunha, sertão da Bahia, território da Guerra de Canudos. É licenciado em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB (2008), e atualmente é servidor público municipal. Deu o primeiro passo publicamente no universo da escrita em 2009, com a exposição de alguns poemas na I Semana de Letras – Rotas e singularidades: entre leituras e linguagens, organizada pelo Campus XXII da UNEB, em Euclides da Cunha. Tem a escrita como válvula de escape e como artilharia na militância contra o obscurantismo e contra as violências, em busca de um mundo mais justo. Escreve para disseminar saberes e externalizar sentimentos e acredita na leitura como meio fundamental para a formação humana, e essencial para a construção da consciência crítica dos indivíduos. Interessado por tudo que é relacionado à Guerra de Canudos e ao sertão, dedica-se a escrever Literatura de Cordel, e faz dessa escrita um repositório desses temas. Escreve regularmente no Blog Cordelizando (<https://escritos-inamar.blogspot.com/>), desde 2009, e integra a coletânea Escritas Sertanejas, organizada por Ivan Santtana (2021).

ESTERTORES DA GUERRA

Em meio a toda fumaça
Entre gemidos e pranto
Chora um menino perdido
Quando a noite desce o manto
Soldados por todo lado
O Belo Monte cercando
Tomados de ódio e medo
Cegos seguindo o comando

Guerreiros na velha Canudos
Homens forjados na terra
Na seca e na incerteza
Recebendo a infame guerra
Em meio àquele massacre
Chora perdido o menino
A mãe ferida de morte
O pai pena o mesmo destino

Já no escuro sem lua
Em cada tiro um clarão
O corpo cai abatido
O sangue escorre no chão
Um clama por Jesus Cristo
– “Valei-me meu Conselheiro!”
Quando o clarão abre o céu
Iluminando o cruzeiro

Na igreja a ladainha
Vê tremer a cumeeira
Rugindo o primeiro tiro
Da maldita Matadeira
Qual dragão cuspindo fogo
Irada a besta fera
Guerreia o povo de Deus
Combatendo tal quimera

Os clarões se viam longe
Dos tiros na amplidão
A morte rodopiando
Nas veredas do sertão
Tropa avança alucinada
O sertanejo resistindo
Morrer em nome de Deus
O destino se cumprindo

Avança o escuro da noite
Choro, lamento e oração
Estampidos e fumaça
Corpos caídos no chão
Chegando o raiar do dia
O sol com seu manto vermelho
Invade o campo da morte
Cala Antônio seus conselhos

Partiu para os braços do Pai
Sem ver desfecho da guerra

Su'alma no éter se esvai
O corpo, no inferno na terra
Cai a grande fortaleza
Quando já não há mais combatentes
Fumegante a Matadeira
Parada, no alto, silente...

Ferozes soldados avançam
Por sobre corpos e escombros
Despidos de humanidade
O crime sobre seus ombros
Do assalto sem prisioneiros
Os feridos imolados
– “Gritou viva ao Conselheiro?”
Teve seu fim, degolado

Temida a gravata vermelha
Praticada a crueldade
Revelou do sertanejo
A honra, a dignidade
Ali não sendo vencido
Do massacre saiu vencedor
Preferindo morrer a render-se
Demonstrou força e valor

As crianças distribuídas
Animais para estimação...
Fumaça, choro, desespero
E pavor da “salvação”
Chora o menino sozinho

Perdido em meio ao terror
Gravada nas suas retinas
Imagem daquele horror...

Os soldados no fim da ação
Em meio àquele braseiro
Fustigados da campanha
Para matar brasileiros
Voltam aos quartéis, celerados
Esperando reconhecimento
Sem louros, o fim nas favelas
Do massacre sem proventos

Findou-se assim a esperança
Com o Belo Monte arrasado
Ruínas e corpos reclamam
A memória no campo inundado
E as pedras fieis testemunhas
Repousam em total quietude
O massacre em viva memória
Resiste no fundo do açude

A alma conselheirista
Crepita nos corações
Passa o sertão em revista
Refunda novos sertões
Enquanto houver injustiça
Haverá luta e resistência
Germinarão utopias
Que reclamam consciência.

A close-up photograph of a person's mouth, showing the lips and tongue. The tongue is dark brown and has a heart-shaped shadow cast upon it. The lips are red and have a textured, slightly wrinkled appearance. The overall lighting is warm and focused on the mouth.

UMA CARTA PARA ESTRELA

Jack Alexandre



Jack Alexandre, jovem escritor morrense. Redigiu o seu primeiro romance aos 17 anos e publicou aos 19. O seu livro é um “emaranhado” de crônicas; ele é baseado em teorias filosóficas e científicas. No livro, o jovem relata suas experiências amorosas, problemas familiares e dificuldades no convívio social de forma simbolista.

Jack Alexandre vem de uma realidade não muito fácil, na maior parte da sua infância, adolescência e mocidade, sofreu com problemas familiares. Mas isso não o impediu de ser feliz!

UMA CARTA PARA ESTRELA

Lembro-me como se fosse hoje... Era primavera. Os campos haviam se vestido de flores, dos mais variados matizes e perfumes. Essa era a minha estação do ano predileta! E em toda primavera eu anelava te dar flores, mas você gostava mesmo era de comer. Nunca tinha visto uma mulher gostar tanto de comer, principalmente, chocolate; você amava...

Toda vez que eu te via, era como se desajustasse o meu córtex orbito-frontal com tua fragrância, quando se congregava tu travavas minha área de Broca; na verdade, tu ó menina, desemaranhavas os meus emaranhamentos, fazendo uma bagunça na minha massa encefálica!

Tua pele alva como a neve, macia e suave como cetim; teus olhos eram delicados e se fechavam tão vagarosamente, que chegavam a me dar paz; teu sorriso... era como se tocasse uma melodia, a qual vinha acompanhada de técnicas!

Quando a ocasião era sociável, tu ecoavas um mezzo piano que entrava na tonalidade das vozes das pessoas que lá estavam; mas, quando estava entre amigos, ressoava de forma crescente e forte, mas sem desafinar.

Entretanto, ocorreu que num infortúnio dia, te arrebataram de mim, quer dizer, essa havia sido a minha concepção, mas na verdade, a senhorita fora embora por livre e espontânea vontade. Todavia, como poderia me abandonar, me amando? A verdade, é que vosmecê nunca havia me amado, como eu te amei. Me envolvi com diversas mulheres, mas, no meu imo ainda havia vestígios de sentimentos por ti, e mesmo tendo sido deixado, prometi que nunca deixaria essa energia que circula por ti dentro do meu âmago morrer, à qual, eu intitulo de amor.





RAIZ DE PÉ DE IMBU

Jéssica Araújo



Jéssica Araújo, é de Serra Dourada, localizada no sertão baiano, sendo um dos municípios do macroterritório de identidade 5 da Bahia. É graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC), com formação em História e Ciências Humanas, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Em 2020 teve a oportunidade de participar do projeto Bardos Baianos como autora da poesia “Há bahias na Bahia”, que logo estará publicado na antologia poética pela a Cogito Editora. A partir disso, os caminhos se criaram para participar como escritora convidada do Projeto Cartografia Poética, apoiado pela Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCCEB), entidade vinculada à Secretaria de Cultura do Estado (SecultBA). No início de 2021, conheceu o Projeto Antologia Sarau Boteco Poético, produzido pelo Coletivo IrSendo – Artes Integradas, da cidade de Guanambi, na Bahia, e está participando com a publicação de mais um dos seus escritos, uma “Carta para elas”.

RAIZ DE PÉ DE IMBU

Na brisa intensa do dia
Delicio-me da sensação de estar quente
Sinto-me aconchegante
Completa, inteira
Mas ainda cheia de sonhos

Ainda cheia de amor
Tanto amor que sinto exalando pelos poros do corpo
Encontrei o refúgio pra amar
"É O SE AMAR"

Me tornei algo que eu sempre quis que existisse
Me olhei 500 vezes no espelho
Até reconhecer tudo o que ali eu via
E eu vi

Vi o que eu vi
Porque o que eu estava vendo existia
É real, eu sou real
Tão real que às vezes parece que nem existe
Aí eu olhava, analisando cada traço
Cada curva
Cada marca
Tantas estórias!

E quantas estórias menina
Tanta estória tem a contar, compartilhar
Você caminhou tanto...
Por alguns momentos pensei que tu fosses parar
Por muitas vezes te vi em cacos

Mas, por mais que levasse tempo
Você colhia todos os cacos do chão
Renascia novamente
Como toda planta que nasce
Sua raiz é forte moça
É igual raiz de pé de Imbu
Formosa igual flor de Mandacaru
Única como Jurema à flor do Sertão

De mim, pra mim mesmo
Com amor e carinho!





QUEM SAI AOS SEUS NÃO REGENERA

João Pablo Trabuco



João Pablo Trabuco é, antes de tudo, um sertanejo, mas também Advogado e Professor Mestre em Direito pela UFBA e o que mais tiver que ser.

QUEM SAI AOS SEUS NÃO REGENERA

Maria era uma moça jovem, bonita e inteligente que trabalhava como vendedora numa loja de roupas. Após o feriado de carnaval, porém, ela foi demitida. Inconformada, inquiriu o seu patrão, os outros funcionários, vizinhos de comércio, mas não obteve resposta sobre o motivo que a fez perder o emprego. Chorou duas noites seguidas. Na terceira, assim que começou a lacrimejar, foi dopada pela mãe e dormiu mais de vinte e quatro horas.

Uma semana após o ocorrido, Maria ainda não sabia o que fazer. Emagrecera de preocupação e ainda não havia saído de casa sequer para comprar pão: estava inconsolável.

Seu namorado, o paciente Roberto, visitava a pobre moça todos os dias, mas não conseguia acalmá-la. A inquietação era tamanha que Maria roía suas unhas até que pudesse sentir o gosto do sangue e quando menos podia imaginar, estava arranhando seu próprio corpo com os dentes. Doía-lhe tanto não saber o motivo da demissão que não podia pensar em outra coisa. A própria mãe havia procurado o chefe da filha, mas este nunca estava presente, então não recebia informações.

– Ela está muito doente, precisa de médico, dizia o rapaz apaixonado.

– Logo passa, respondia a mãe.

Ninguém havia ainda se preocupado tanto quanto no dia em que ela saiu nua pela rua. Correu dois quarteirões inteiros pulando, completamente sem roupa, difamando a si mesma. Chamava-se de vadia, boba, insolente e outras nomenclaturas abjetas. Quando seu pai lhe deu a primeira bofetada e a fez cair na calçada do vizinho ela apenas se levantou e voltou a correr. Àquela altura a polícia já havia sido acionada e

em poucos segundos estava presente. Levaram a garota imediatamente para a delegacia.

– O que aconteceu, dona Maria?

Disse o delegado analisando a ficha da moça.

– Eu fui demitida.

Respondeu Maria, aparentemente aflita, sem conseguir olhar fixamente para lugar algum.

Dadas as condições físicas em que se encontrava a antiga vendedora, o delegado a enviou imediatamente para um hospital a fim de que pudesse obter um comprovante oficial de alteração sanguínea. Os olhos vermelhos não negavam sua hipótese: ela estava drogada. Porém, assim que o resultado saiu todos se surpreenderam. O exame de sangue não confirmou a suspeita, mas o médico concluiu que sua atitude era demasiado depressiva.

Maria gargalhou escandalosamente quando recebeu a notícia.

No dia seguinte ela estava sentada frente a um psicólogo. O rapaz era sorridente, jovem como ela, porém muito mais sóbrio. Passaram alguns segundos de observação mútua até que ele se pronunciasse.

– O meu nome é Cauã.

Como ele não obteve resposta resolveu prosseguir a conversa.

– Eu sei que você teve dias muito difíceis... Gostaria de falar sobre eles?

– Você tem café?

O rapaz sorriu satisfeito por conseguir algumas palavras da sua primeira paciente do dia. Metódico como somente ele, o psicólogo se levantou e em poucos instantes estava de volta com um pequeno copo plástico. Entregou a Maria.

– Como estávamos falando...

Ele recomeçou o diálogo, mas foi interrompido quando a moça jogou o café quente em seu rosto e saiu correndo.

O rapaz indicou imediatamente um tratamento psiquiátrico. Quando a mãe recebeu a receita médica se recusou a acreditar que sua filha estava louca, entretanto, por precaução, amarrou-a na cama de seu quarto.

Devota e fiel fervorosa que era da igreja, a amorosa mãe decidiu chamar o padre para benzer a menina, antes que ela piorasse.

– O que ela tem, minha filha?

– O demônio no corpo.

E então os dois adentraram o quarto de Maria e a encontraram dormindo. O padreco aproveitou para exorcizar assim mesmo e logo já estava dispersando água pelo corpo da moça. Quando ela acordou, gritou tão alto que o homenzinho de batina fechou os olhos. Sem conseguir finalizar a reza, encostou-se à garota para fazer o sinal da cruz... Em questão de segundos sua mão estava sangrando e Maria ria escrachadamente do estrago feito pela maliciosa mordida.

Maria passou a cantar todos os dias. Infelizmente (ou não) ninguém conseguia identificar o que diziam suas canções esgoeladas com cada vez mais força. Certo dia, enquanto sua mãe fazia as compras, a moça ouviu a janela ranger – seu namorado estava entrando no quarto. Condoído de paixão, quebrou os cadeados que prendiam as correntes, desatou os nós das cordas e abraçou a amada. Em troca recebeu uma bofetada:

– Eu fui demitida!

Apesar de espantado, ele tentou segurá-la pelos braços, mas Maria correu. Jogou-se contra o vento, sem saber que direção alçar, cantando e gritando e correndo. Nunca mais voltou: nem a si nem ao emprego.



OBSCENA PAISAGEM

Karla Lima





Karla Lima é baiana, historiadora e professora. Foi poeta de gaveta por anos a fio. Vive sua intensidade, que transborda nas palavras que lhe assaltam de tempos em tempos, e em dias cinzas ainda mais. É autora do livro “Sobre deitar no tempo e esquecer do chão”, publicado pela Editora Penalux (2020). Acredita ser uma mulher mutável, sob influência do signo de Câncer, e isso se dilata do seu gosto por viagens aos seus cabelos azuis. Agora se encontra absorta num lugar de ser casa/ninho/casulo de uma menina chamada Zoe, que o destino lhe colocou no ventre para iluminar os caminhos.

OBSCENA PAISAGEM

Acordei no frio,
garganta arranhando,
arranhada
e a cidade acordada,
cinza sólida
cinza insólito,
acrisolada...
Acordei ardendo,
calor,
desejo,
metonímia,
figurativamente concebendo sonhos
desses sem medo,
e frases sem rima.
Na janela
a gata olha a cidade,
no colchão,
no chão,
no vão...
A cidade ruidosa,
a saudade maldosa,
a maldade escandalosa
e a poesia treme, geme, quase goza.





EXPERIMENTO-CABOCLA

Luan Almeida



Luan Almeida, caboclo da ilha Paulo Afonso – BA, nascido com a força do sertão e das águas do rio Opará. Artista, (dramaturgo, performer, poeta, ator, cantor, compositor). Filho de Logunedé. Formado em Teatro pela Companhia Roda da Baraúna – BA, tendo como mestra a diretora teatral Dolores Moreira. Bacharel em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe. Mestrando em Culturas Populares na Universidade Federal de Sergipe. Pesquisador de culturas populares, da vida, e livre pensador. Espiritualista, conectado à ancestralidade como demarcação de luta, resistência e cura.

EXPERIMENTO-CABOCLA

Carrego seus olhos em um fio longo e fino de vida, em oração.
Olho-de-boi, sustança de proteção, amuleto,
um peito, okan, uma canção
de reza, magia, da rua sagrada, até o que me protege.
É, tempo que me rege
Ê, tempo que me regue.

Olhos-de-boi a me acompanhar quase como numa reza-mandinga-sensação.
Patuá, guiné, folha de curar, aroeira.

Batalha da luta diária de sobreviver numa cidade.
Quase não vivo em paz, em sossego, mas busco na fé dos guias que
me cercam, força pra curar, e caboclas pra me acompanhar.

Guiando a chave certa da saudade do sertão, da caatinga, da mata
escura.

Imagem bonita, pra quem se fortalece.

Fortalecer a cabeça, o corpo, o espírito. Peço a sua benção, caatinga.

Peço a sua benção, seres encantados da mata-agreste-quente-vida.

Abraço na caatinga, de bom coração, e é o mesmo que uma bença,
uma bença, uma benção.

E aqui me firmo,
Pisando neste chão,
de terra batida
Fora do concreto armado urbano
Arruda e manjerição
Luanda, Aruanda
Pena Branca, Sete Flechas, e a pele toda acobreada.

A jurema preta, abre-caminho
E sinto os cheiros
Carimã, puba, manauê, tucumã.
Te sinto, apurinã.

É no peito, no pescoço, que também carrego
Outras forças: açáí, mulungu, timpuim
Tempo espiralar que gira, a gira que gira.
E sigo meu caminho, nunca só, crescendo
também com aquelas que me fortalecem
Sobreviver é uma das maiores vitórias.

Tenho buscado me encontrar em toda ancestralidade.
Remexer aquilo por dentro do que há em mim.

Somos um sol. Somos bastante. O reviver os últimos tempos, sensações e momentos de retocar esse legado caboclo/brejeiro/indígena nas margens do rio Opará, rio que passa dentro de mim, onde nasci e que me abraçou, me atravessa.

É devoção, é fé, são tradições, é conexão ancestral.

Muita coisa se perdeu no caminho das memórias. Foi apagada, destruída, dizimada pelo colonialismo. Estrutura regida pela crueldade da dominação.

Muita coisa também foi encontrada, que se manteve, que resistiu
com seus desdobros à colonização.
Muita coisa ressurgiu na hora devida. Nesses últimos tempos, a sabedoria de seres encantados recai sempre sobre meu corpo de lama.
Orí, Exú, Logun, Caboclo, Erê, Nkisse, Vodun, Orixá, Pretas Velhas...

O que é o quê? Ou que necessidade existe de nomear o que está em nós?
É muita imersão e mergulhos, em ti, no que se encruzilha do que se entende por tempo.

Tem sido um caminho constante de reentender aquilo que me conecta a ancestrais do ontem e do agora.
Continuo caminhando, celebrando a morte e a vida, fazendo encruzas.
Continuo...

Aqui é uma forma de revelar e também compreender o que tudo isso tem feito.

Tenho refeito estradas.

Aquilo que antes chamei de árvore genealógica ainda parecia estranho. Ainda não era esse o nome. Não que eu sentisse a necessidade de nomear. Hoje sinto, mas não para enquadrar nada e sim demarcar um espaço simbólico de força, lutas, resistência.

É preciso delinear e demarcar territórios imaginários que criam realidades.

Minha história encabocada, acobreada, de cabocagem, se cruza com a história de muitas que também tiveram rupturas com seu passado, com quem pisou neste chão, que hoje revigora.

Antes chamei de árvore ancestral... Depois vim entender que eu estava falando de uma floresta ancestral e não apenas de uma árvore.

É muito mais do que pensamos. No mínimo, 4.094 ancestrais, em 300 anos, em 11 gerações... Me imagino em muitos passados.

Nada ficou pra trás.

O tempo passado não está atrás, está aqui.

Não estou atrás, estou aqui, adiante, seguindo. Algumas vezes em reclusão, outras vezes me reservando cada vez mais nas matas, brenhas, cachoeiras e entocas.

Quero instaurar o apagão no colonialismo.

Quero me jogar no mistério de outras vidas antes da minha.

De vidas que fizeram eu estar aqui hoje, encabocando.

Ser insubmissa e insurgente...

Quero expandir no tudo e no nada.

Quero mesmo é que tudo seja potência encruzilhada!





RECONSTRUINDO EVA

Lúcio Galvão



Antônio Lúcio Galvão Dias, ou simplesmente **Lúcio Galvão**. Nasceu na cidade de Itapetinga – BA, em 1977. Porém, como costuma dizer, apenas o parto foi realizado lá, pois é de Ibicuí – BA, sua origem e naturalidade. Foi em Ibicuí que viveu toda sua vida e exerceu sua arte nos mais diversos sentidos. Pois é assim que ele se define, como um artista. E em meio a essas emanções artísticas que brotam de forma espontânea e natural, a mais recorrente é a arte da escrita. Sendo a poesia, a modalidade escolhida para compor a obra proposta na Feira de Novos Autores Baianos.

RECONSTRUINDO EVA

Junto aos primeiros raios da aurora no horizonte,
Eva levanta-se do seu leito e põe-se de pé frente ao mundo.
Em suas costas o peso da matéria carnal,
Em seu espírito o fardo da culpa original.

Seus passos pequenos e suas mãos frágeis,
De forma contumaz maquinam a construção da vida.
No fazer do amanhecer, ao desfazer do anoitecer,
É Eva a imagem proibida do ser!

Oprimida por conta da sua fragilidade,
Condenada e desejada em face de sua sensualidade.
Contudo não puderam negar a sua grandiosidade,
Quando a própria natureza lhe creditou o milagre da fecundidade.

Eva um sonho juvenil, um rosto infantil, um olhar feminino.
No colo de mulher, um seio a amamentar.
Nos braços protetores, o futuro a embalar.
No calor do seu ventre, o mundo a fecundar.

De Buda a Jesus, todos passaram por ela.
Tudo foi semente plantada no colo acolhedor.
Nasceu tudo flor que um dia desabrochou.
Eva é perfume que o mundo inebriou.

Da África negra, a mãe da humanidade.
Amor primeiro, monocromico de onde surgiu a policromia.
E se ainda te oprimem com vil tirania
É porque cegos, desconhecem a vida que irradias.

Tal como os que te negaram nos relatos dos livros sagrados,
Ou nos labirintos da ignorância humana.
Por não perceberem como é bela a ardente chama,
De matizes escarlates qual Maria Madalena.

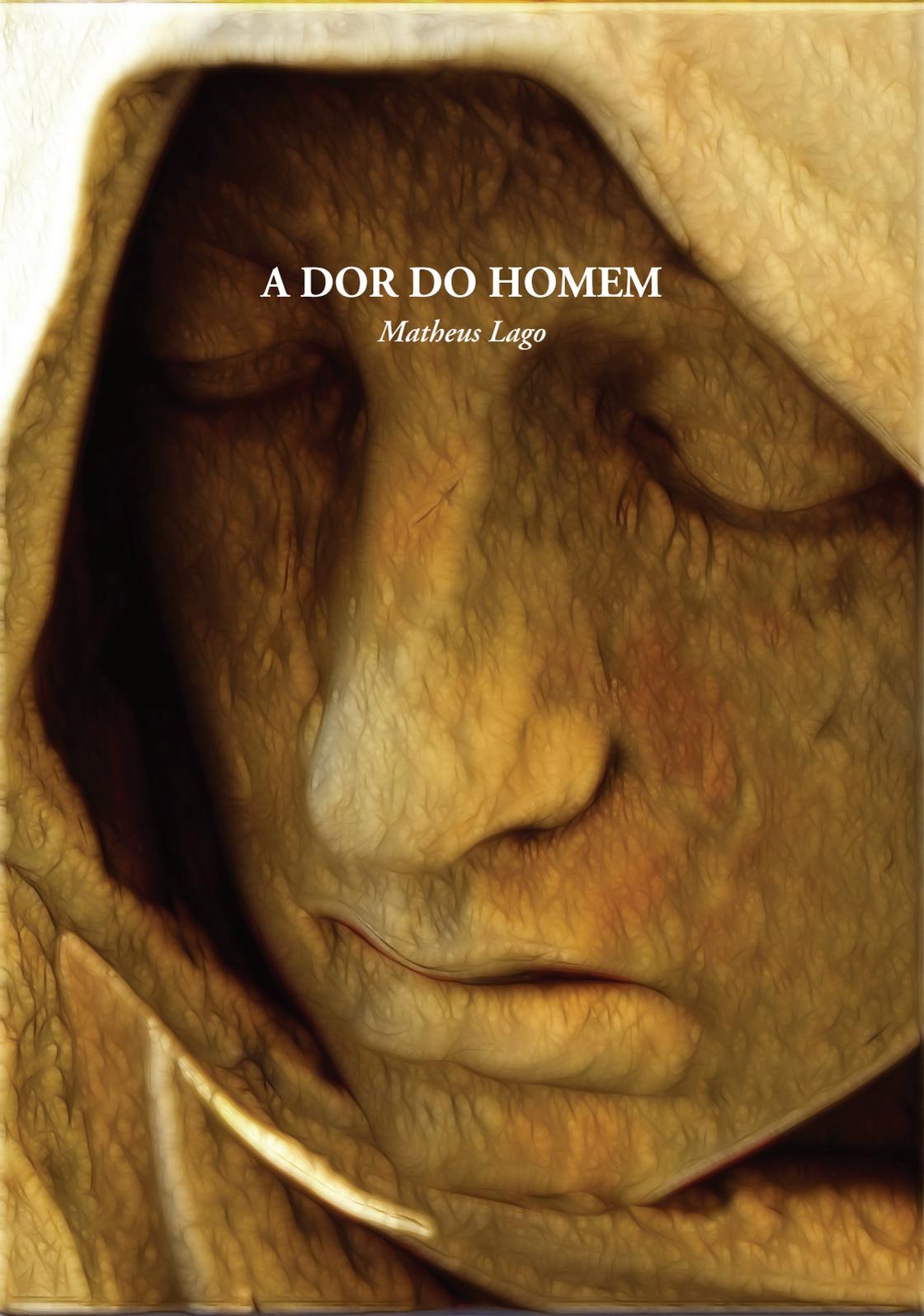
Nos rubros lábios que em beijos cálidos
Morderam a maçã vermelha no paraíso,
E do prazer profícuo e inenarrável
Fizeram brotar a vida em profusão infinda.

És como um rio, de águas claras e perenes.
Que evaporam pra depois tornarem-se nuvens.
E quando o céu não mais as segura incólumes,
Caem sobre o chão fecundando a terra dura.

A chuva é mulher, a mulher é mãe,
E a mãe que é Maria, antes, porém foi Eva.
No ribeiro do cisne, ou no paraíso onírico,
É a feminilidade em vigor, esplêndida.

Mas ainda assim és negada, mesmo na cruz em forma
transsexualizada.
E até a vida te foi ceifada, apenas por ser tu, o que és.
Maior é a tua generosa alma, pois para que a vida te fosse ceifada,
Antes por ti, a alguém ela foi doada.

Tentada pela serpente, provaste o fruto da verdade.
Pois antes do verbo o útero eclodiu em divina explosão criadora.
E os óvulos cósmicos fecundados de luz e estrelas,
Da Mãe universal, produziram a vida inteira.



A DOR DO HOMEM

Matheus Lago



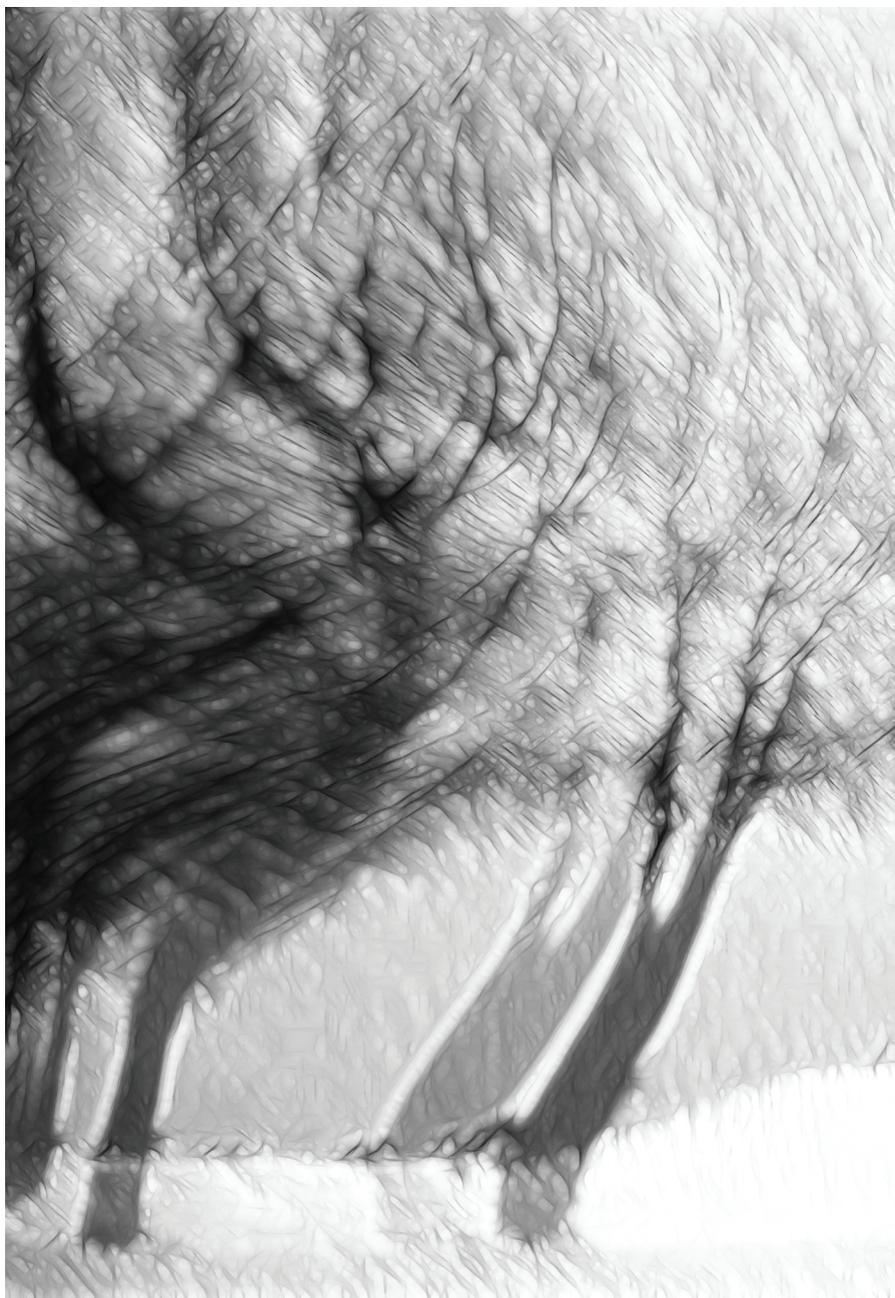
Matheus Lago nasceu em Salvador, em junho de 1984, e ainda criança retornou a São Sebastião do Passé. Historiador e poeta, Matheus Lago tem grande militância no movimento de fortalecimento da literatura e dos poetas da cidade, tendo participado da ONG de artes ASA durante alguns anos, e nela elaborou oficinas e realizou apresentações. Fez apresentações poéticas com amigos por duas vezes no palco da Casa da Cultura Manoel Gomes, entre outras iniciativas. Suas publicações impressas são: *Sonhos e Fantasias*; *Constelação de Flores* (ambas as publicações em parceria com amigos autores), e *Poemas do coração que dói*.

A DOR DO HOMEM

Pelos campos há somente o silêncio,
Toda dor passa por dentro do vento...
Parece que você agora se esqueceu...
Só o amor é maior que o lamento.

Nós sabemos da verdade. A verdade...
É que o coração virou uma rocha quebrada.
O afago é para aliviar esta tosca ferida...
Que só o amor pode tornar cicatrizada.

Pelos campos há somente o silêncio,
Toda dor passa por dentro do vento...
É o inverno de nossas pobres vidas
À espera do amor, não do sofrimento.



O CANÁRIO DO VÉIO NEZINHO

Nando Lemos





José Menanes Manoel de Lemos, mais conhecido como **Nando Lemos**, é ator, palhaço, dramaturgo e educador. Artista baiano, nascido na cidade de Senhor do Bonfim. Suas obras de maior destaque são: “A verdadeira história de Marcos e Marta” (1993); “Deu a louca nas Bruxas” (1995); “Vitamina de Literatura” (2002); “Assim não tem saúde” (2008); “Pegando a Xepa” (2014); “Magnólia” (2015 – texto inspirado na obra “A comédia da vida privada”, de Luís Fernando Veríssimo), e o *Canarinho do Veio Nezinho* (2020). Algumas de suas peças teatrais foram premiadas nos Festivais Estudantis no período de 1994 a 2002, em sua maioria do gênero comédia. O universo cômico retratado em suas obras, procura interagir com temas sociais atuais, e busca inspiração no circo-teatro. Em 2018 é convidado a integrar a ACLASB – Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim, ocupando a cadeira de Ceciliano de Carvalho. Pedagogo; estudante de Psicanálise; hipnólogo; mestrando em Cultura, Educação e Territórios Semiáridos na UNEB, Campus III.

O CANÁRIO DO VÉIO NEZINHO

Narrador: Senhoras e senhores, gente de minha estima. Sou um palhaço bem animado e me chamo Pichilinga. Tô aqui pra contar um *causo* pra toda essa gente linda! Existiu na Lagoa do Peixe, um lugar de beleza e muita fé, um canário cantador na roça desse *coroné*. Um *véio* que é muito brabo, valente e tangedor, nunca arredou pra ninguém e até um lobisomem o *véio* já enfrentou. Mas uma coisa lhe amoleceu, pro canto daquele pássaro a valentia do *véio* cedeu. Pois, aquele canarinho tinha saído do ninho quando o dia amanheceu. O seu canto era tão bonito, tão lindo era o seu cantar, que vinha gente de vários lugares só para ouvir o canarinho cantar. Porém, bestando com suas moedas, que pra ele era um tesouro, o *véio* Nezinho não conseguia pegar nem mesmo um besouro.

Nezinho: (*cantando*) Passo o meu dia, fico o dia inteiro olhando com alegria a cor do meu dinheiro. Olhem quantas *nicas* eu estou juntando e assim a minha riqueza eu vou aumentando.

Narrador: Enquanto isso um cordelista, repentista, trovador, ouviu na Lagoa do Peixe o canário cantador.

Cordelista: Eita! Passarinho do bico doce!!! Que beleza é esse canto? Cheio de amor, de energia! Vou falar desse canário numa bela melodia!

Narrador: A música ficou tão famosa que até nos Pereira chegou. Lá no Caco de Telha, todo mundo se encantou. E na Lagoa do Peixe, até a Diná cantou. Até que um dia o *véio* Nezinho também escutou.

Cordelista: (*cantando*) Minha amiga, meu amigo, prestem muita atenção, vou mostrar para vocês as lindezas do Sertão. Eu vi um canarinho muito lindo e cantador, com a beleza de seu canto todo mundo se encantou. Mas acontece que o bicho não é de todo mundo, o canário só *avoa* nas terras de um velho raçudo. Não desejo pra ninguém a ira desse Coronel, que brigou com lobisomem, beijou cobra cascavel e a água da jurema ele bebe como mel. Mas eu já percebi, o velho não é tão ruim assim, o canto desse canário deixou ele mole. Enfim, é o marido da Delice, ele é o *véio* Nezim.

Nezinho: (raivoso) Espere aí, este canário é meu, pois ele tá na minha roça e o *véio* Nezinho sou eu.

Cordelista: (*cantando*) Esse lindo passarinho canta muito sim senhor, ele encanta todo mundo, da Igara ao Bebedor. Também é conhecido lá no Socotozinho, o canto dele é perfeito como tudo que é divino!

Nezinho: Até o Socotozinho conhece? Isso não pode ser, eu tenho na minha roça um canário cantador que nunca cheguei a ver. Vou mandar os meninos armarem um alçapão, pra pegar esse danado, não perco tempo mais não. (*gritando*) Tipiu! Tipiu! Tipiu! Cadê esse menino? Tipiuuuuuuuuuuuuu!

Tipiu: Senhor? Eu tô aqui meu pai, ouvi o senhor me chamar e logo corri para cá, o que aconteceu? Porque tá gritando por eu?

Nezinho: Quero que cace pra mim o canário cantador, que voa pela

roça do véio Nezim.

Tipiu: Um canário cantador?

Nezinho: Isso mesmo.

Tipiu: Oxe! Canarinho cantador? Aqui mesmo não, eu só vejo um monte de grilo brocando a plantaçoão.

Nezinho: Puxe daqui, caminhe! Ou lhe suspendo pela gola. Use alçapão, visgo, o que for, nem que seja uma gaiola. Pegue logo o passarinho e traga ele já. Ou senão te dou uma peia que você vai se mijar (*rindo*). Se mijar...

Tipiu: Vou levar uma peia? Ai minha Nossa Senhora, deixa eu correr, vou logo sem demora (*choramingando*).

Nezinho: (*rindo*) Se não pegar vai se mijar.

Tipiu: Ai meu Jesus! Ai meu Jesuizinho! O que será de meu couro, gosto tanto do meu courinho (*chorando*).

Borinha: Ô Tipiu, bicho feio! Por que tu tá chorando desse jeito?

Tipiu: Borinha! É que o Pai quer um canarinho. E disse que ele tá por aqui, mas eu juro, pela minha mãe mortinha que nunca nem vi.

Borinha: O canarinho cantador? Aquele que a todo mundo encantou?

Tipiu: Sim. Tenho que levar ele pra nosso pai apreciar, se eu não conseguir, vou apanhar até me mijar.

Borinha: Oxe! Cuida, levanta, vem mais eu, esse passarinho aí, é um grande amigo meu!

Tipiu: Ô Borinha retado!

Borinha: (*cantando*) No meio da caatinga vamos procurar e o canarinho vamos encontrar!

Tipiu: *(cantando)* No meio caatinga vamos procurar e o canarinho vamos encontrar!

Jegue: Onnnn, Innnn, Onnnn, Innnn, Onnnn...

Tipiu: Repara! É o canário que tá cantando?

Borinha: Oxe, oxe, oxe. Deixa de ser moco, isso é o zurrar de um jumento! Tu tá ficando broco? *(rindo)*.

Tipiu: Hum... *(cantando)* No meio caatinga vamos procurar e o canarinho vamos encontrar!

Cabrito: Bééééé, Bééééé, Bééééé...

Tipiu: Agora eu não me engano é ele que está cantando!

Borinha: *(rindo)* Não! Seu cara de mosquito, isso aí é o berrar de um cabrito! *(cantando)* No meio da caatinga vamos procurar e o canarinho vamos encontrar!

Narrador: Quando de repente ouviram uma lindeza, um canto belo, era como a voz da natureza.

Canário: Ti, ti, ti, titititiiii...

Borinha: Eita! Que eu estou escutando. Vê aí Tipiu!!! Agora é ele que está cantando!

Tipiu: Vixe! Que bicho fraco, é este o tal canário?

Borinha: Hum-rum! Com certeza ele volta comigo, porque ele é muito meu amigo... Canário, canarinho! Eu vim te pedir um favorzinho, quero que cantes hoje na presença do Seu Nezinho.

Canário: Cantar para o Seu Nezinho? *(rindo)*.

Borinha: Hum-rum...

Canário: (*rindo*)... O que tu tá dizendo? Acho que não estou entendendo. Aqui na roça tem cardeal, sofrê, sabiá que são verdadeiros artistas, amigo Borinha. E todos com vozes bem melhores que a minha.

Borinha: Oxente, tu tá com modéstia? É tão lindo o teu cantar, venha hoje mesmo que meu pai Nezinho quer te escutar.

Narrador: O Tipiu e o Borinha levaram o canário para o Seu Nezinho. E o passarinho cantou dia e noite, noite e dia... Até que um dia, um presente acabou com sua alegria.

Tipiu: Meu Paizinho, o dia dos pais chegou e eu tenho um presente para o senhor.

Nezim: Ôoooh!!! Um presente pra mim? E é um rádio de pilha... E canta bem viu, bem mesmo, e melhor que um canário de verdade!

Narrador: O canarinho ouvindo isso voou triste pela caatinga. Voltou então para sua morada antiga. E o radinho de pilha também por dia e noite, noite e dia cantou... Até que um dia... (*som de algo se quebrando*) O rádio se quebrou.

Nezinho: (*cantando*) Como é grande a minha dor. Valha-me Nossa Senhora! O meu rádio se quebrou e o canário foi embora.

Narrador: Essa foi a grande história de um canário cantador, trocado por um rádio pelo velho bufador. Pois, a ciência vai até decodificar, estudar com respeito pra poder catalogar, mas nunca, nunca mesmo, saberá o valor que é apreciar a beleza que tem o canto do sofrê, do canário, do sabiá. Pois, enquanto a invenção do rádio tem fim comercial, o canto do canário é pra mim celestial.





ESCARIFICAÇÃO

Nívia Maria Vasconcellos



Nívia Maria Vasconcellos é poeta, contista, letrista e declamadora. Publicou os livros *Invisibilidade* (poesia – MAC); *Para não suicidar* (contos – Mondrongo); *Escondedouro do amor* (poesia – Prêmio CDL de Literatura 2008); *A Morte da Amada* (poesia – Mondrongo); *A paixão dos suicidas* (novela – Selo João Ubaldo Ribeiro – Ano II/FGM), e lançou o álbum *A Vênus de Willendorf* (Mousikê). Tem poemas publicados na Coletânea Prêmio Off Flip e nas antologias *Arcos de Mercúrio*; *Sétimo Aeon*; *Cantares de Arrumação*; *Tudo no mínimo*; *Estranha Beleza*, e *Antifascistas*. Atualmente, integra o projeto literomusical *Mousikê*, e prepara seu próximo livro, *Cãibra de Nó*, contemplado pela Funceb com o Prêmio Jorge Portugal. Além das atividades artísticas, é doutora em Literatura e Cultura pela UFBA e atua como professora e mentora do Novo Littera Cursos.

ESCARIFICAÇÃO

escrevi na minha
pele o teu nome
com bisturi e fogo

risquei bem
bem forte cada letra
a "m" foi a que mais doeu

aquela dor aguda
aquela de chegar a dizer
chega! mas não disse

havia ainda outras letras
a riscar em mim
no meu braço esquerdo
no meu ombro esquerdo

a atravessar poros
rasgar a película
esfolando gota
a gota de sangue

mais que nome (frase)
minha cicatriz
controlada corte por corte

queloide/relevo/estigma
centímetros de mim
em carne viva

um corpo inscrito
em um poema morto





SORRISO DE SOL

Pedro Saulo



Pedro Saulo, desde pequeno, com uma mente em busca de transbordar a criatividade, criava histórias em quadrinhos. Na escola, vendia pinturas de desenhos que assistia na TV. Na vida adulta, apaixonado pelas artes e pelos conhecimentos, letras e livros, transbordou sua criatividade em poesias.

SORRISO DE SOL

Dentro do caldeirão de montanhas,
Via sóis brilhando, Via sóis brincando,
Via sóis sós, Via só sóis

E eu sorria, na cidade sol
Eu só ria, na cidade sol

Calor, de cal e dor
Rego esse solo seco
Onde cactos e seus espinhos
Enfeitam metade da paisagem
Na outra metade verde em abundância
Mata atlântica mata minha sede
De humidade de humildade de liberdade
E com água nos olhos dezembro chora
E lava a lava dos corações

E eu Sorria, na cidade sol
Eu só ria, na cidade sol

E quando o sol se pôr,
Eu vou abraçando as lembranças do dia,
As estórias costuradas de sangue e suor
Trocando conhecimento com os brotos
Brotavam as raízes de minha história.

E eu sorria, na cidade sol
Eu só ria, na cidade sol



O ABRAÇO OCO

Raiara Azevedo





Raiara Azevedo, 32 anos, mãe, jornalista, empreendedora, artista e feminista. Especialista em Comunicação Corporativa. Ensina teatro, ministra palestras e treinamentos empresariais, elabora e produz projetos culturais. Engajada nas causas sociais e na política, foi candidata à vereadora em seu município nas Eleições 2020. Produtora cultural, Conselheira de Cultura, Presidente da Companhia Teatral Preta, diretora de teatro com experiência de 14 anos na cena, fundadora do Projeto Escola Infantil Pequenas Estrelas, conta com mais de 50 espetáculos teatrais autorais produzidos. Mãe de Junior, 3 anos, autista, maior motivador para continuar em busca de políticas públicas que garantam os direitos das minorias e dos que mais precisam. É autora do livro "O Oceano que há em mim", ex Diretora de Cultura de Madre de Deus e fundadora do Clube Moqueca Literária.

O ABRAÇO OCO

Eu achei que era saudade e chorei quando estava longe. No retorno, ao abraçá-lo, chorei mais. Compulsivamente. Lamentei porque não havia mais nada. Era tanto vazio que transbordava e me afastei. Dentro daquele abraço não havia nada de bom, a não ser uma certeza de que o fim havia, por fim, nos alcançado. O meu corpo estranhou o outro corpo. Éramos desconhecidos, apesar de tanto tempo juntos. Entendi isso de imediato e disse que precisava ir embora. Ele quis abraçar um pouco mais e não permiti. O abraço oco, gélido, desencaixado, voluntariamente se desfez. Eu estive aguardando muitos afagos enquanto estive ao seu lado. Mendiguei por qualquer carinho, qualquer sinal, a qualquer hora e agora não tinha mais porquê e nem graça. O tempo tinha avançado muito e o abraçar não fazia sentido. Não era saudade, era dor.

A chuva caiu forte e eu não tinha guarda-chuvas. Eu não tinha vontade de guardar mais nada, nem de perder energia falando do que eu sentia para quem não soube me sentir até ali. Dei passos largos em direção à tempestade e uma sensação de liberdade incompreensível começou a me tomar. Sabia que iria me molhar toda e que chegaria ao trabalho resfriada. De alguma forma, a rua me convidava a partir, e então, eu o beijei no rosto com profunda gratidão.

Tirei o casaco e me lancei à rua deixando que a água do céu invadisse o meu corpo. Seguiu os raios, trovões e poças. Eu olhei para trás na tentativa de que o meu coração vibrasse forte ao encontrar o seu olhar

a me espreitar. Eu queria conferir se o amor tinha ido embora antes de eu também ir embora dobrando a esquina. Mas aí eu soube que podia seguir. Ele não gritou para que eu voltasse, nem para esperar, nem correu pra me encontrar na esquina e nem me carregou no colo me abraçando forte e pedindo desculpas. Não havia mais vontade, por isso o nosso abraço soou tão oco. Tudo fazia sentido.

Ele nem sequer me olhou pelas frestas da janela clandestinamente, como quem se importasse. O amor da minha vida faria isso, talvez, mas não era ele e não podia ser. Porque chovia forte e talvez ele não quisesse se molhar nunca.

Os pingos batiam nas costas como o cinto do meu velho pai na infância, e doía. A água lavava meus pensamentos e nem sinal dele vindo em busca do nosso amor. Eu preferia me encharcar ali, ficar com o nariz entupido, correr sob as poças rindo e sentindo a vida pulsar no corpo se o tivesse ao meu lado. Mas ele não enfrenta tempestades. Ao menor sinal de tempo ruim, ele se fechava. Definitivamente não era alguém capaz de enfrentar ondas altas, incontrolavelmente intensas. Ele, não. Ele sempre preferia banhar os pés ao invés de mergulhar e submergir.

Cogitei a hipótese de viver na beira, sempre com medo de me molhar. Eu tremi ao descobrir. Eu não era pra ele. Ele não era pra mim. Corri em direção às ruas desconhecidas. Mergulhei naquele aguaceiro com a certeza de que não iria mais voltar. Não me permitiria mais abraços ocultos infelizes disfarçados de saudades que mascaravam a minha solidão. Eu seria muito feliz, prometi aos gritos pra mim. Ninguém iria me impedir. Ergui as mãos ao céu na hora exata do relampejo azul e foi quando vi Deus abençoar a palavra dada. Não viveria nunca mais infeliz. Preencheria todos os espaços de mim com abraços acolhedores e sinceros. Eu seria feliz. Ninguém iria me impedir. Nem mesmo eu, nunca mais.

ESPIRITUALIDADE POPULAR

Rick Silva

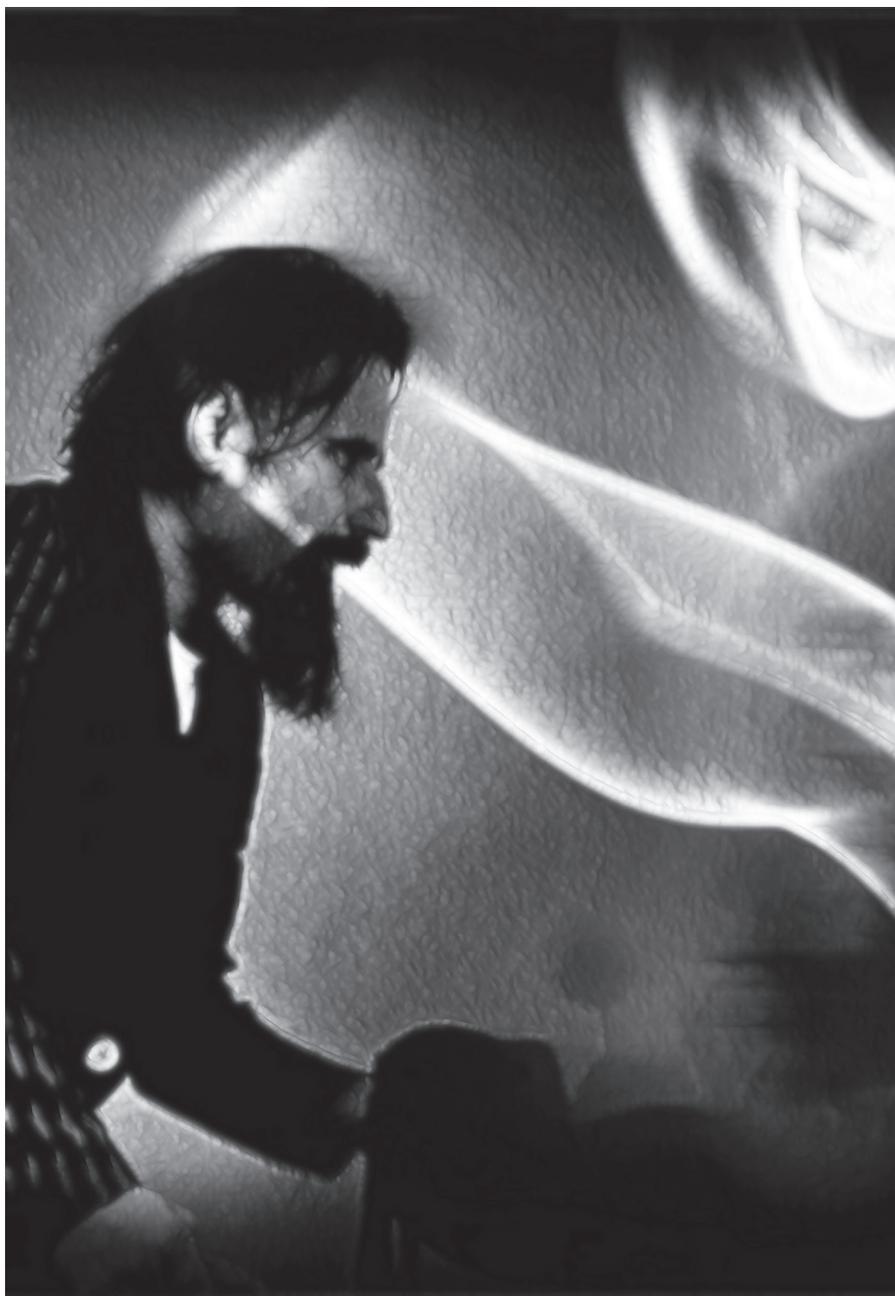




Rick Silva, nascido e atuante na área cultural da cidade de Guanambi, Bahia, é idealizador do coletivo cultural Irsendo Artes Integradas, e do Sarau Multicultural do Boteco Poético; produtor de conteúdo audiovisual (vídeo *performer* de intervenção e vídeos poéticos); atuou como coordenador cultural no projeto Escolas Culturais, em Guanambi; é ator e roteirista do grupo teatral Nós por Nós; escritor, autor dos livros: “Abolição da Escravatura Mental”, lançado pela editora APMC na 22ª Bienal Internacional do Livro, em São Paulo, e “Beija-flor S.A. – Sociedade Anônima», livro sobre a história do centenário de Guanambi, contado através dos “anônimos” do município. Organizador da Antologia do Sarau do Boteco Poético Vol.01, compilado de poesias, contos e crônicas, dos interiores da Bahia.

ESPIRITUALIDADE POPULAR

Eu sou a mônada da favela
O cosmos da quebrada
O telepata da biqueira
O aviãozinho interdimensional
O médium da padaria
O ufólogo da quitanda
O pedreiro Reikiano
O Erê do baba
A cozinheira sensitiva
O levitador de pipas
A catadora de papelão astral
O teletransportador do carrinho de pipoca
O ectoplasma que senta nas esquinas
O psicografista do Rap
A Yogini funkeira
A mãe solteira bilocadora
O pivete projetor astral
A aposentada meditadora
A costureira clarividente
O místico do boteco
O encanador reencarnado
O totem do morro
A doméstica xamânica
A bruxa da farmácia
A oração dos becos
A travesti curandeira
O folclore do gueto



POETIZAÇÃO DOS SÍMBOLOS

Rodrigo Santana Costa





Rodrigo Santana Costa nasceu em 11 de dezembro de 1982. Natural de Ipirá – BA. É escritor, e a obra de sua autoria: “*Clarecer*”, em verso e prosa, foi publicada pela editora Penalux (2018). É graduado em Letras Vernáculas na Universidade Federal da Bahia, e colunista do *site*: “Ipirá City.com”. Filho caçula.

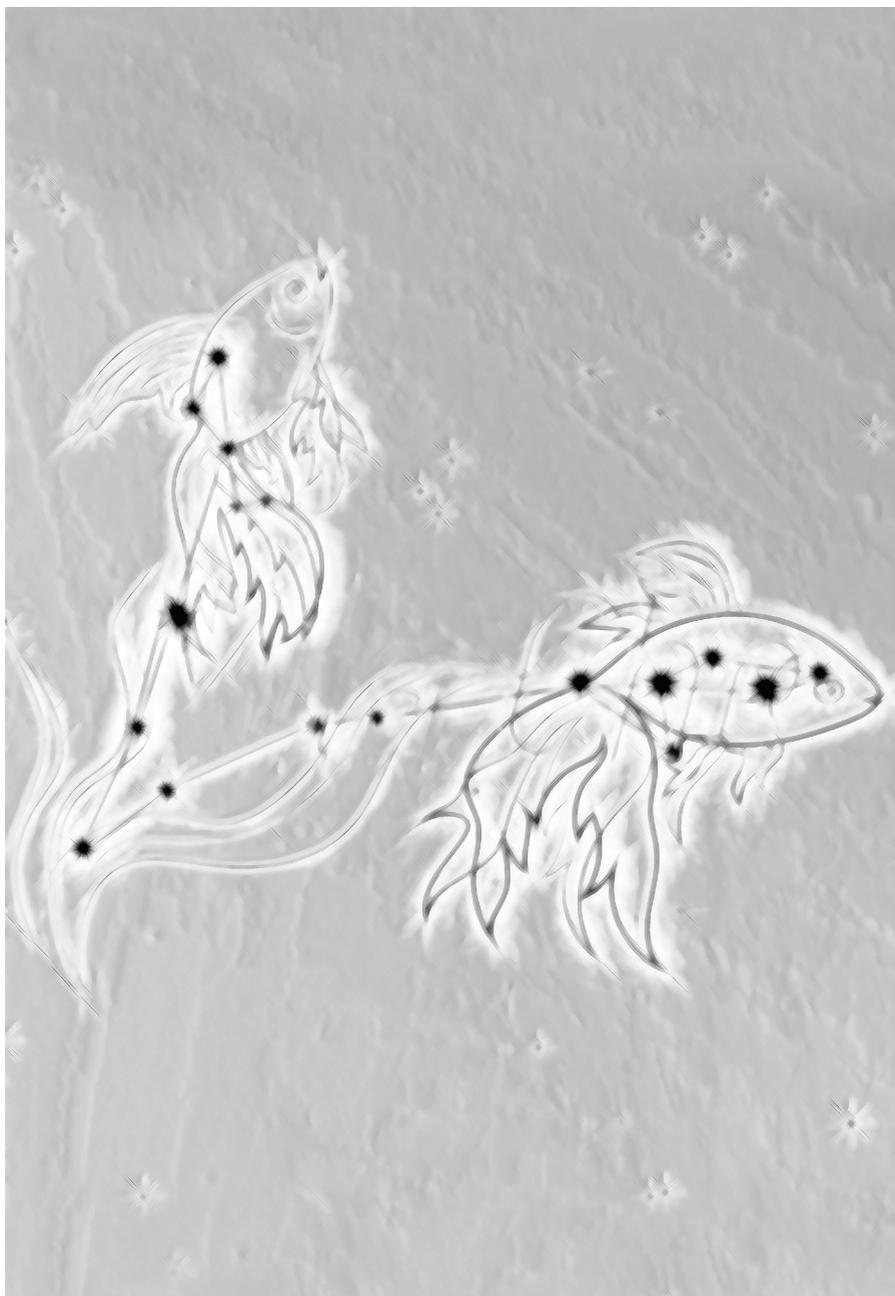
POETIZAÇÃO DOS SÍMBOLOS

Contemplo a constelação de asteriscos no céu
Sonhando pendurar-me no gancho do cedilha
Está chovendo acento agudo em meu chapéu
E o pássaro circunflexo pousou na margem da ilha

A cobra deixou um rastro em cima do amanhã
Na confusão das palavras o hífen é o melhor juiz
As reticências são formigas em dias de afã
E os travessões são pontes entre as frases que fiz

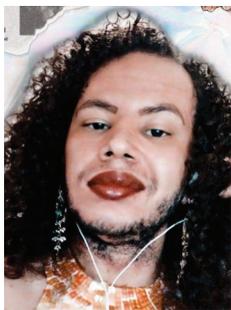
As vírgulas são penas de urubu desgrudando o texto
E as aspas são as cortinas das citações
A barra é a Torre de Pizza presente no contexto
E o símbolo do infinito fertiliza as emoções

Os pontos finais são cabeças vista do avião
O apóstrofo só aparece na timidez da letra pequena
A crase é um chuvisco vindo de outra direção
E os parênteses são anzóis pescando no poema.





ÓPTICA
Tales Pereira



Tales Pereira é Doutorando e Mestre em Letras: Linguagens e Representações (UESC). Licenciado em Letras Português/Espanhol e suas respectivas literaturas

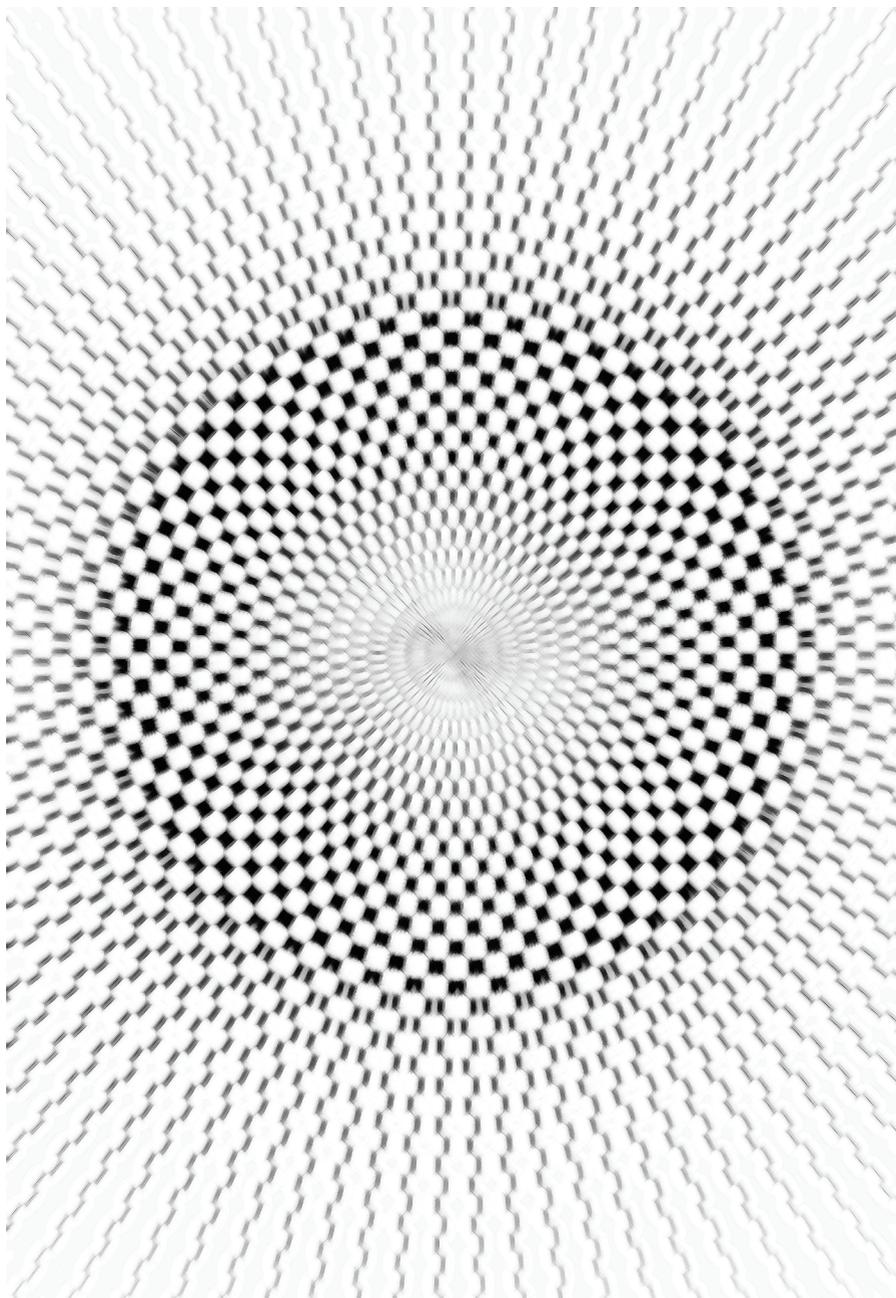
ÓPTICA

O infinito que nas tuas órbitas retraça
Paralelas e ângulos impossíveis
E passam filtrando espectros
No prisma de tua divindade

Banho-me nas iluminuras
Arestas de ouro
A prata cozida em banho-maria
E minha servidão obstinada
Polindo quimeras indóceis

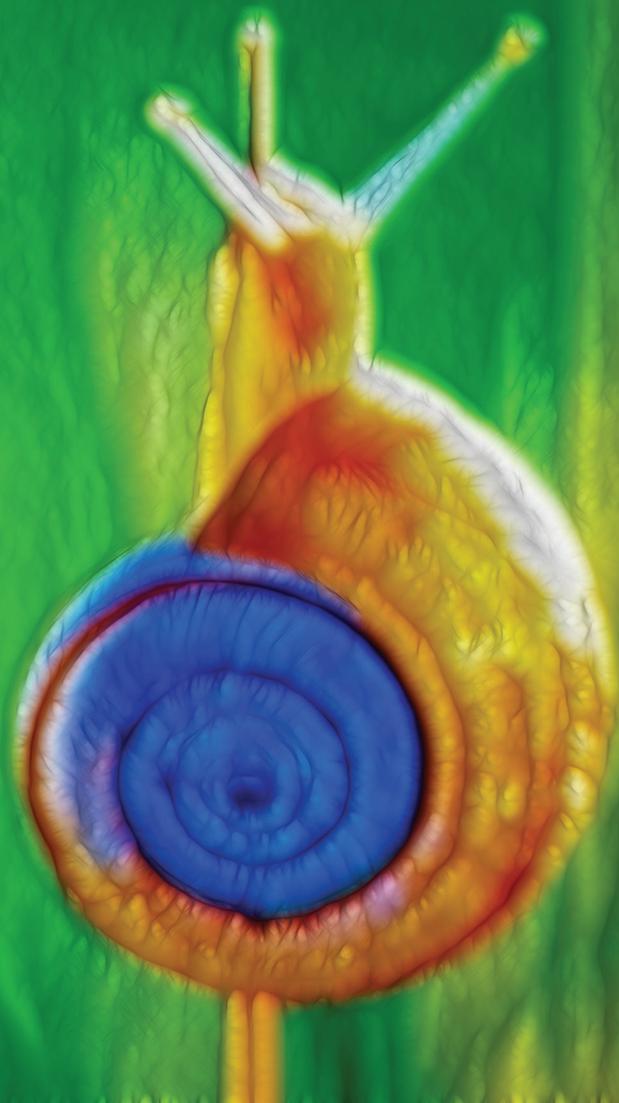
Despedaças imagens tolas
Com o fio de tuas meadas
Torções impróprias
Movendo a nitidez das sombras
Além dos circuitos das miragens

Perco-me cem vezes
E erro eternamente
A equação dos espelhos
Vejo-te amplificado
Nudez lustrosa de superfícies
Perco-me mil vezes
Ouvindo alucinada
A prosa caleidoscópica
De tua fala crua



VOCÊ SABE O QUE EU NÃO SEI?

Valéria Rocha





Valéria Rocha é a última dos sete filhos da dona de casa Maria José da Paixão de Oliveira e do garimpeiro Coriolando Rocha de Oliveira, seu Cori; nascida em 07/05/1979 na cidade de Lençóis – BA; residindo desde 1998 em Itaberaba –BA. É pedagoga; especialista em literatura infantil; professora; atriz. Integrante da Xengobulengotengo Companhia de Teatro e sócia/fundadora da Casa Azul Xengobulengotengo – Escola de Teatro e outras Artes. Palhaça, bonequeira, contadora de história, também com quadro semanal na Rádio Comunitária Rosário FM, e um canal de mediação de leitura no Youtube, o “Ler é Divertido”. É Cordelista desde 2007, tendo seus folhetos difundidos na região da Chapada Diamantina; por dois anos consecutivos montou a exposição “Literatura de cordel – Meus versos em papel de pão”, recebendo a comunidade local e região.

VOCÊ SABE O QUE EU NÃO SEI?

Vou agora lhe contar
Muitas coisas que eu não sei
Sei que não sei quase nada
Disso nunca duvidei.
Eu não sou um sabichão
Mas não sou nenhum bobão
Isso sempre afirmei.

Eu não sei de muita coisa
Então saio a perguntar
Pois, sou muito curioso
E quero poder achar
Uma resposta pra tudo
Pois o mundo não é mudo
Já parei pra observar.

Pois, tudo que tem no mundo
Pode muito bem falar
Não só fala com a boca
Fala com mão, com olhar...
Aos poucos vou entendendo
Descobrimdo e aprendendo
E aprendendo a duvidar!

Pra muita pergunta ainda
Eu não encontrei resposta
Se você souber alguma
Chegue junto, vem, encosta!
Se pudesse eu tinha um saco

Sem ter furo, nem buraco
De resposta em minhas costas.

Onde é que termina o céu?
Onde que começa o mar?
Porque abelha faz mel?
E gato sabe nadar?
Quem sabe por que a flor,
Muda de cheiro e de cor
Quando começa a murchar?

Porque que o sol e vento
Derrete meu picolé?
Porque é que a margarida
Terminou em mal-me-quer?
Como escreve girassol?
Onde mora o caracol?
Como amansa um jacaré?

Porque uma rosa é rosa?
E a vermelha é também?
Porque põe coisa vermelha
Na testinha do neném?
De onde é que vem o soluço?
O que é um pagode russo?
Quanto vale um vintém?

Porque é que uma cartinha
Eu demoro ver chegar?
Enquanto vejo que chega
Muita conta pra pagar?
Quem sabe me diz ligeiro:
Existe pé de dinheiro?

Se tiver eu vou plantar!

Porque é que todo cachorro
Late o homem do correio?
Você sabe qual perigo
Da bicicleta sem freio?
O que é a raça canina?
Pra que tem tanta buzina
E carro pelo passeio?

Eu não sei quem faz a curva
Se a estrada ou a motinha
Não sei quem veio primeiro
Se foi ovo ou a galinha
Como é que dobra uma esquina?
Quanto vale a gasolina?
E um quilo de farinha?

Eu não gosto de jiló
E adoro jerimum
Por que gosto é diferente?
Porque cheiro tem bodum?
Você sabe qual sentido
De ter cera lá no ouvido
E de ter fedor em pum?

Porque que no céu da boca
Estrela nenhuma eu vejo
E a lua lá do céu
Se parece com um queijo?
Que tipo de queijo que é
Que tem cheiro de chulé?
Porque fede o percevejo?

Me diz por quê o meu pé
Fica de pé quando eu deito?
E porque meu coração
Bate dentro do meu peito
Até quando vou dormir?
Parece que vai sair
Quando acordo de mau jeito.

Com um grito ou puxavão,
Ou então com pesadelo.
E porque que sonho bom.
De passeio de camelo
Não pode ser de verdade?
Sonho de felicidade
Porque vira desmantelo?

E porque é que gente grande
Tem vergonha de brincar?
E a gente que é criança
Corre e brinca sem parar?
Como é a dor de facão?
Para que é um alcorão?
E eclipse lunar?

Porque que sempre alguém briga
Quando solto pirueta?
Será que você consegue
Inventar umas 100 caretas?
Quem não brinca no espelho?
Quem já ralou o joelho?
O que é uma ampulheta?

Porque a pipa não sobe

Se não boto a rabiola?
Pra que prendem passarinho
Lá dentro de uma gaiola?
Porque que gente não voa?
Quantos paus se faz canoa?
Pra que serve uma vitrola?

Porque vejo tantas cores
Na bolinha de sabão?
E porque é que é tão bonita
Uma cauda de pavão?
Enquanto é tão cinza a cor
Do pássaro pescador
Chamado de Cormorão?

Mas porque que a minha unha
Cresce, eu corto e não dói?
Igalzinho ao meu cabelo
Que quase nada destrói.
Quem tem medo de injeção?
E medo de escuridão?
Só não o super-herói!

De onde é que vem o espirro?
O que é a tal fadiga?
Porque todos têm umbigo
Bem no meio da barriga?
Quem foi que disse qu'eu quis
Ter meleca no nariz
E na barriga lombriga?

Porque que esse tempo quente
É chamado de verão?

Pra que serve esse buraco
Do meio do violão?
E como é que nasce um sapo?
Como escreve jenipapo?
Existe bicho papão?

Porque que é tão doce o mel?
Porque que pimenta arde?
Por qual motivo os meus pais
Não me deixa ir dormir tarde?
Acordam de madrugada
Se vamos pegar a estrada
Não quer que ninguém retarde!

Porque muita gente enjoa
Na hora de viajar?
Fica muito longe a África?
Um belo dia eu vou lá!
É verdade que o Japão
Fica em baixo lá do chão?
Se for mesmo eu vou cavar.

Porque é que beijo é tão bom
E abraço também é?
E porque que a gente gosta
De ganhar um cafuné?
Quem não gosta de carinho?
Até de ganhar colinho?
É certo que tá lelé!

INVISÍVEL

Wendel de Jesus





Wendel de Jesus, mora na cidade de Alagoinhas – BA. Tem 19 anos, e desde os 16 anos vem desenvolvendo suas habilidades e talentos para escrita. Começou com o *rap*, onde mistura e traz ritmo à sua poesia. Já participou de eventos escolares com grande destaque para as suas apresentações. Wendel é estudante de Administração, trabalha como auxiliar administrativo, e retrata em suas poesias a luta que é ser trabalhador da classe baixa no Brasil. Em 2017, Wendel criou um grupo de *rap* e teve música e *clip* lançados por uma produtora de São Paulo chamada RapBox.

INVISÍVEL

Eu levo a vida desse jeito
Sem ninguém me olhar
o ser humano veio com defeito
ou só esquecem de amar?

Realidade que você vê, mas não enxerga
Eu errei, me diz quem nunca erra
A tempos sou invisível, o que fiz para vocês? Para me bater, expulsar e
queimar
rirem de mim quando eu passar.
sem saber minha história
qual é o problema de vocês?

Auxílio moradia só pra quem tem casa
Inclusão social? nas pontes,
as praças, desempregados, abandonados,
com o psicológico abalado, isso é traumático, viciados que chegaram
aqui por acaso
Antes tinha tudo, hoje não tem nada
além de uma pedra queimando na lata.

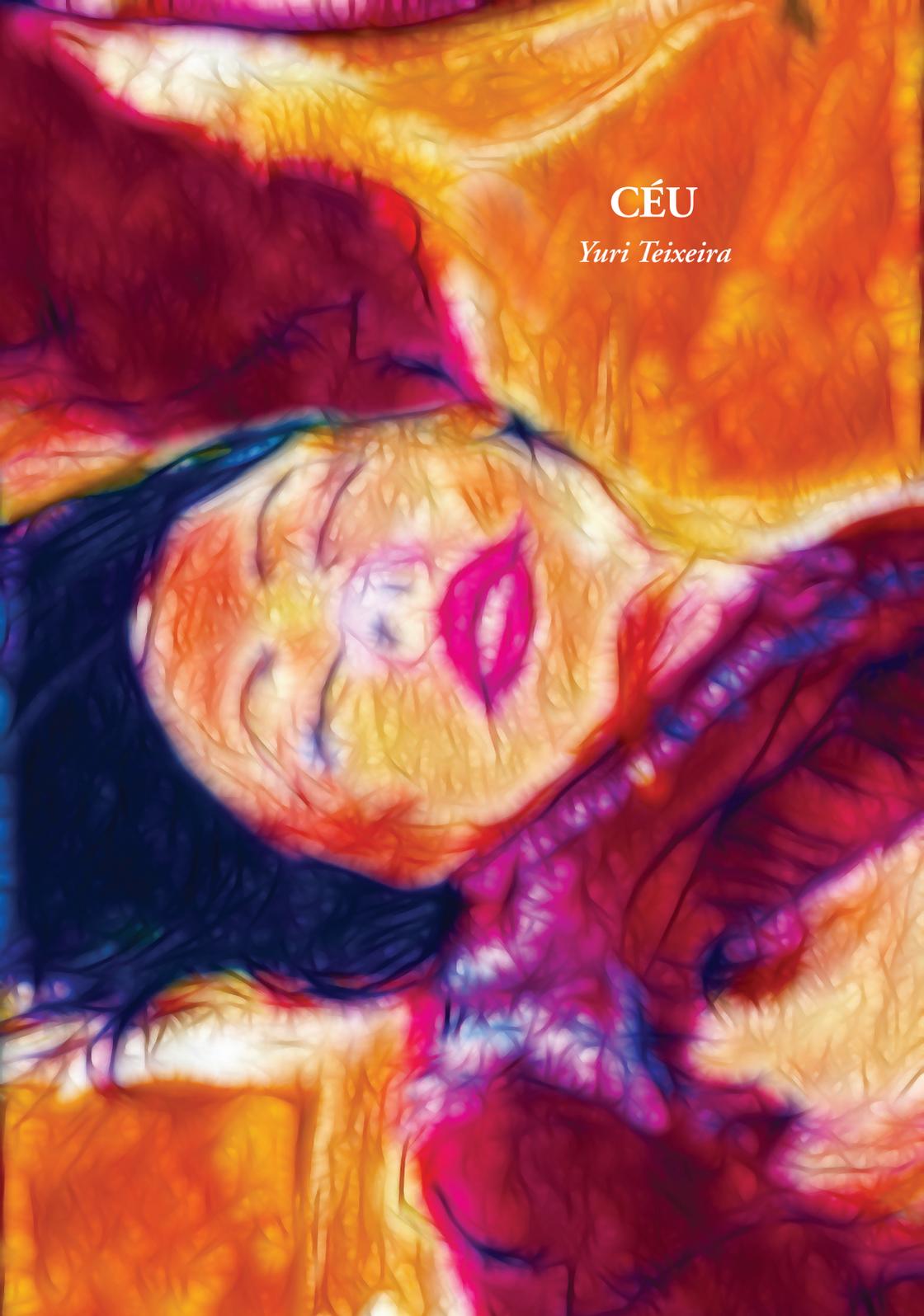
Eu levo a vida desse jeito
Sem ninguém me olhar
o ser humano veio com defeito
ou só esquecem de amar?

Papelão já não protege mais de frio
Situações iguais a minha vai para mais de mil Sua jaqueta de marca
vai para mais de mil
Empatia é o que falta, esse é o desafio

E eu que não sei como vim parar aqui
Nesse inferno tão gelado
Me drogo pra não sentir a dor da fome.
Me dá um prato
De comida ou de esperança de uma vida melhor ou então só me dá
um abraço e me diga que não estou só.

Eu levo a vida desse jeito
Sem ninguém me olhar
o ser humano veio com defeito
ou só esquecem de amar?



The image is a full-page abstract painting. It features a central, somewhat recognizable face of a woman with dark hair, rendered in a highly textured, painterly style. The colors are rich and varied, including deep reds, oranges, yellows, and purples. The background is a complex, swirling pattern of these colors, creating a sense of movement and depth. The overall effect is that of a dynamic, expressive work of art.

CÉU

Yuri Teixeira



Yuri Teixeira, 23 anos. Nascido em Salvador – BA, mora atualmente em Lauro de Freitas – BA. Estudante de Pedagogia (Universidade Salvador); escritor; palestrante; percussionista; repórter e assessor de imprensa (Rede iMA); redator do Blog Bambolê; Presidente da microempresa Wolf Creation. Autor de três livros, “Modulações do Ser”, “Amálgama Poética”, e “Poeme-se”, todos publicados em plataforma digital, sendo que Poeme-se tornou-se livro físico, feito de forma artesanal e produzido com material reciclável. Ex-conselheiro de cultura (cadeira de Literatura), e Conselheiro de Juventude em Lauro de Freitas. Vencedor do Prêmio Laureate Brasil – Jovem Empreendedor Social 2020.

CÉU

Não imaginava que o céu fosse tão perto.
que nós, mulheres, pudéssemos chegar até lá apenas com a ponta
dos dedos.

Que uma pequena morte fosse a cura para todo meu corpo!

Não imaginava que não fosse pecado,
passear por entre minhas pernas
descobrimdo estradas inexploradas.

Não imaginava que entre uma camada fina, aveludada
lábios que muitos não beijam
trouxesse uma gostosa sensação de liberdade.

Não imaginava que chegar ao céu dependesse exclusivamente de mim.

AUTORES

Adriana Pesca • Adriano Pereira • Adriele Silva • Aidil Araujo Lima • Aldair Pereira • Ananias Serrranegra • André Simião • Antônio Carlos de Jesus • Artur Áriston • Caio Rossan • Carlos Lemos • Denis Braga • Fabio Carvalho • Inamar Santos Coelho • Jack Alexandre Jéssica Araújo • João Pablo Trabuco • Karla Lima • Luan Almeida • Lúcio Galvão • Matheus Lago • Nando Lemos • Nívia Maria Vasconcellos • Pedro Saulo • Raiara Azevedo • Rick Silva Rodrigo Santana Costa • Tales Pereira • Valéria Rocha • Wendel de Jesus • Yuri Teixeira

PRODUÇÃO

mil
PRODUÇÕES

APOIO FINANCEIRO



GOVERNO
DO ESTADO

SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL